

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE HISTÓRIA

HENRIQUE PINHERO JUDICE MENEZES

**MENASSEH BEN ISRAEL E PADRE ANTÔNIO VIEIRA:
UM DIÁLOGO SOBRE SONHOS E PENSAMENTOS PROFÉTICOS**

Uberlândia, MG

2022

HENRIQUE P J MENEZES

**MENASSEH BEN ISRAEL E PADRE ANTÔNIO VIEIRA:
UM DIÁLOGO SOBRE SONHOS E PENSAMENTOS PROFÉTICOS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia como requisito parcial para obtenção do título de Graduado em História.

Orientador: Prof. Dr. Amon Santos Pinho

Uberlândia, MG

2022

HENRIQUE P J MENEZES

**MENASSEH BEN ISRAEL E PADRE ANTÔNIO VIEIRA:
UM DIÁLOGO SOBRE SONHOS E PENSAMENTOS PROFÉTICOS**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Instituto de História da
Universidade Federal de Uberlândia
como requisito parcial para obtenção
do título de bacharel e licenciado em
História, sob orientação de Prof. Dr.
Amon Santos Pinho.

Banca Examinadora

Prof. Dr. Amon Santos Pinho (Orientador)
Universidade Federal de Uberlândia

Prof. Dr. Guilherme Amaral Luz
Universidade Federal de Uberlândia

Prof. Dr. Cléber Vinicius do Amaral Felipe
Universidade Federal de Uberlândia

“Somos de ontem, não sabemos nada.

Nossos dias são uma sombra sobre a terra.”

Jó.

“Com efeito, não passais de vapor que se vê por alguns instantes e depois logo se desfaz.”

Apóstolo Tiago.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer inicialmente àquele que depositou em minha vida o encanto pela descoberta e pelo belo, e a curiosidade insaciável por tudo aquilo que tange o ser humano, Deus, e também gostaria de agradecer aqueles que souberam nutrir todos esses desejos ao me introduzirem o que conheciam de mais belo no mundo, seja o mundo da música, dos filmes ou da literatura, meus pais, mais especificamente minha mãe por me apresentar o Clube da Esquina e suas letras que compõem um Brasil que eu ainda não conhecia, e meu pai por me mostrar esse Brasil embrenhado, que se enfeitava e desdobrava em novas facetas a cada olhadela através da janela do carro para a paisagem de Goiás, enquanto eu recordava das letras de Milton Nascimento e Lô Borges.

Aos meus amigos que me apoiaram durante essa odisséia chamada graduação. Os mais distantes territorialmente: Victor Hugo, que me emprestou seus olhos e ouvidos infindas vezes para revisões e histórias que circundavam meu tema de pesquisa, Luiz Gustavo, pela companhia incomparável, e diálogos sobre temas judaicos, e a Nicolle por me ajudar a manter a sanidade mental durante o período da quarentena. Quanto aos amigos próximos de Uberlândia, que me seguraram, apoiaram e suportaram ao longo da graduação, agradeço ao Schmal e sua bela família, Isaac e sua querida família, Baldo, Lucas, Samuel, Gaia, Leo Alves, Palazzo, Leo Selis e o Japa.

Também não posso ignorar dois autores fundamentais para o meu reencanto com a História e o ensino, primeiro Alexandre Dumas em seu livro *O conde de Monte Cristo*, através do personagem Abade Faria, e Liev Tolstói com sua filosofia da história desenvolvida no epílogo, e ao longo de seu livro *Guerra e Paz*.

Agradeço também a todos profissionais que formam o curso de História, especialmente seus diversos professores, e os órgãos de fomento (em especial o CNPq e a AULP) que me abriram oportunidades através de bolsas que incentivaram minha ânsia pelo conhecimento, seja ela na área do ensino, como ocorreu durante a monitoria de História do Brasil III, ministrada pela professora Daniela, ou pela iniciação científica sob o olhar atento do professor Amon. Não posso também deixar de agradecer nominalmente alguns professores do Instituto de História que me marcaram através de sua própria paixão pela história, que podia ser observada dia a dia durante suas aulas, começando pelos professores Cléber Vinicius do Amaral Felipe e Guilherme Amaral Luz, que aceitaram participar da banca examinadora, e os professores e professoras:

Ana Flávia Cernic Ramos, Marcelo Lapuente Mahl, Lainister de Oliveira Esteves, Mônica Brincalpe Campo, e os já citados Amon Santos Pinho e Daniela Magalhães da Silveira.

Por fim, gostaria de agradecer especialmente a meu orientador Amon Santos Pinho, que a partir de um trabalho paulatino e muito paciente, me introduziu a um mundo encantado, misterioso, religioso e profético, que uniu através dos laços invisíveis e abstratos das ideias, e concretos pela imigração e perseguição, o Novo com o Velho Mundo.

RESUMO

Após séculos de fermentação, messianismos e milenarismos amadureceram e efervesceram nos séculos XVI e XVII ao longo de todo o território do “Velho Mundo”, através de diversos personagens das mais variadas nacionalidades, e tendo como seu maior representante aquele para quem foi dedicado *Os Lusíadas*, D. Sebastião. Sendo ele o Encoberto, já plenamente descoberto pela historiografia moderna. Este trabalho tem como objetivo voltar sua atenção para o “mundo intelectual” que foi erguido “por trás” dessa figura, e que a ultrapassou, mais especificamente, aqueles que auxiliaram os profetas a erguerem a ideia de Quinto Império, e ungiram homens temporais como Messias; buscando estudar tanto o milenarismo (cristão) como o messianismo (judaico) através, talvez, de seus maiores representantes, Padre Antônio Vieira, Menasseh ben Israel e aquele que demonstra ser o ponto de intersecção entre esses dois universos, Gonçalo Annes Bandarra, a partir de um encontro e conversas que ambos compartilharam durante o período em que Vieira esteve em Amsterdam.

Palavras-chave: Milenarismo; Messianismo; Judeus Sefarditas; Quinto Império; Menasseh ben Israel; Padre Antônio Vieira.

ABSTRACT

After centuries of fermentation, messianisms and millenarianisms became mature and fizzed during the XVI-XVII centuries across the whole territory in the "Old World" through different characters from different nationalities, having the one that *Os Lusíadas* was dedicated for as its biggest represent, D. Sebastião. Being him the *Encoberto*, "Covered Up" already plenty studied and discovered by the modern historiography. This work aims its attention to the "intellectual world" that was rose behind that figure, and exceeded it, more precisely those who helped the prophets to rise the idea of *Quinto Imperio* ("Fifth Monarchy"), and anointed historical men as Messiah; studying the millenarianism (Christian) as much as the messianism (Judaic), through what might be it's biggest minds, Padre Antônio Vieira, Menasseh ben Israel, and the one that seems to be the intersection point between this two universes, Gonçalo Annes Bandarra, over a meeting and conversations that their both shared during the period that Vieira stayed in Amsterdam.

Keywords: Millenarianism; Messianism; Sephardic Jews; Fifth Empire; Menasseh ben Israel; Father Antonio Vieira.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO 1	14
1.1 Padre Antônio Vieira: Vida	14
1.2 Gonçalo Annes Bandarra	20
1.3 Padre Antônio Vieira: Obra	24
CAPÍTULO 2	37
2.1 Menasseh ben Israel: Vida	37
2.2 Menasseh ben Israel: Obras	46
2.3 Menasseh ben Israel e Padre Antônio Vieira	59
CONSIDERAÇÕES FINAIS	67
FONTES	71
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	71

INTRODUÇÃO

O início desta pesquisa se deu com a ideia de que o sebastianismo – messianismo de caráter essencialmente português – foi fundamentado pelo messianismo judaico, e por isso, seria possível conjecturar uma certa receptividade dessa crença pela população judaica sefardita, que se encontrava em situação de opressão e desespero advindas do Santo Ofício, e conseqüentemente, com a sua constante necessidade de renovadas esperanças.

Tendo essa motivação como ponto de partida, buscamos primeiro encontrar reminiscências da crença sebastianista no meio popular judaico do século XVII, almejando sempre conexões com o meio intelectual, onde rabinos e intelectuais judaicos poderiam ter sido influenciados pelo sebastianismo, visando em um futuro, saber se o próprio Talmude poderia ter sido alterado de alguma maneira pelo messianismo sebástico. Toda essa trilha construída culminou em uma figura que, sob uma primeira análise, se mostrou como protagonista para tais objetivos, Menasseh ben Israel.

Menasseh se apresentou relevante a pesquisa devido a uma característica sua em questão, seus relacionamentos, que caracterizaram uma vida repleta de amizades e diálogos com milenaristas católicos e protestantes, sendo um destes contatos, o padre Antônio Vieira, um dos maiores expoentes de um sebastianismo letrado.

Após perceber o terreno em comum que havia entre os dois oráculos messiânicos do século XVII, buscamos fazer uma comparação dialética entre ambos. O quanto um poderia ter aderido a visão do outro; no quesito sebastianista com o Menasseh, e judaico com o Vieira, onde os resultados, de maneira geral, não pareciam apenas subjetivos, mas opacos e de difícil conclusão no caso de Menasseh.

Com o andar da pesquisa, foi tornando-se claro que o sebastianismo estava de tal forma embebido no judaísmo, que se tornaria algo extremamente intrincado, e pouquíssimo provável, comprovar que ele, por sua vez, houvesse influenciado a classe intelectual dos judeus sefarditas localizados em Amsterdam, pois além de apresentar poucas características atrativas e “novidades”, frente ao que já acreditavam, a presença de “Messias” judaico passou a ser algo muito comum já a partir do século XV, tendo como alguns exemplos: “Isaac Abravanel, um judeu, que a partir de interpretações do livro de Daniel, ‘previu para o ano de 1503, ou para o período compreendido entre 1490 e 1573 a chegada do Salvador e o fim da cristandade’”.¹ Outro foi “David Reubeni, em

¹ HERMANN, 2015, p. 232.

Portugal, desde 1525, percorreu o Algarve, Tavira, Beja e Évora, disseminando a ideia de um reino judaico no Oriente, causando impacto inclusive entre os cristãos velhos.”², e não obstante, temos inclusive outro messias pós-D.Sebastião, atuante no recorte feito neste trabalho, levando o nome de Shabbetai Tzvi (1626-1676), que ao se proclamar messias, gerou um “alvoroço nas comunidades judaicas, particularmente as sefarditas”.³

Tornou-se então um grande problema para a pesquisa, distinguir o que já era comum no judaísmo, e o que poderia ser uma influência da crença sebastianista nas obras de Menasseh.

Chegando à elaboração do TCC, tendo perdido a credibilidade na tese e motivação inicial, foi resolvido colocar em segundo plano a influência sebastianista no ambiente judaico sefardita em geral. Passamos a estudar a troca intelectual entre Menasseh e Vieira de acordo com as similaridades de suas obras, o que divergiam e onde se aproximam, ou seja, conseguir distinguir o que de judaico permeou a obra de Antônio Vieira e sua construção do Quinto Império – nas obras *História do Futuro* e *Esperanças de Portugal* – e o que de milenarista permeou as obras de Menasseh ben Israel e sua construção do Quinto Império – em *Esperança de Israel* e *Piedra Gloriosa* –, resultando ambos em conexões sobre o papel dos judeus no mundo que havia de vir, e nas implicações das grandes descobertas para esse imaginário apocalíptico, principalmente o do Novo Mundo.

Em relação ao sebastianismo, no que diz respeito a este trabalho final, ele surgirá através de comentários pontuais quando necessário, apenas para demarcar e elencar possíveis hipóteses que surgiram, mas que não serão aprofundadas.

Quanto ao Quinto Império que foi previamente comentado, descreveremos nas próximas linhas uma síntese das principais profecias que o compõem – sendo duas do profeta Daniel, e uma do Profeta Zacarias – e que nos serão úteis mais a frente, pois foram utilizadas e analisadas profundamente pelo Padre Antônio Vieira e Menasseh ben Israel ao longo do texto.

Daniel 2: 27-45 trata de um sonho de Nabucodonosor, imperador dos assírios, que ao chamar os seus sábios, exige que eles descubram o que ele sonhou, para depois interpretar o mesmo sonho, sob a pena de serem mortos junto com suas famílias. Após não conseguirem adivinhar qual foi o sonho, Deus o revela a Daniel, que por sua vez conta a Nabucodonosor, dizendo que o mesmo sonhou com uma estátua dividida em

² HERMANN, 2015, p. 232.

³ VAINFAS, 2011, p. 125-126.

diversos metais que correspondem a quatro impérios que passariam pelo mundo, sendo que ao fim do quarto, viria uma pedra que ao destruir a estátua, cresceria até ocupar o mundo todo, sendo esta pedra o Quinto Império em uma opinião geral no século XVII.

O segundo sonho, dessa vez em Daniel 7: 1-27, trata de uma corte em um julgamento celestial com a presença do Ancião, com “vestes brancas como a neve”⁴, onde são colocados para julgamento quatro feras, sendo que uma sucede a outra, até se chegar ao final no qual os reinos – feras – são julgados e concedidos aos “santos do Altíssimo”⁵, que seria também o Quinto Império.

No terceiro sonho, Zacarias (Zc 6: 1-8) sonha com quatro carroças comandadas por quatro grupos de cavalos separados por cores diferentes que percorrem diversas partes do mundo a mando de Deus.

Finalizando, para que fique clara a maneira como este texto foi produzido, e as lentes que foram utilizadas para a leitura das fontes e historiografia do tema, os conceitos de Koselleck se fizeram essenciais.

Estudar Esperança como conceito no século XVII ocidental e atlântico parece ser eficaz na medida em que permite uma via possível de acesso aos diferentes projetos políticos (e religiosos) de futuro que estavam disputando os “horizontes de expectativa” por conta das tensões criadas pelos “espaços de experiência” em conflito e crise.⁶

Seja na vinda do Messias pela primeira vez, na sua volta, na vinda do Encoberto ou no Quinto Império, a esperança, de certa forma, é o que resume os diversos movimentos messiânicos e milenaristas que circundaram a Europa a partir do século XV, tendo um protagonismo ainda mais impactante no século XVII, pois se resumem, obviamente, sempre ao ato de “esperar”, ter “esperança”, a partir de um conhecimento prévio.

Dessa forma, teremos um relacionamento extremamente estreito entre o passado, os “espaços de experiência”, e o futuro, os “horizontes de expectativa”.⁷ Exemplificando melhor, basta-nos o título da obra de notável importância para este trabalho, *História do Futuro*, do Padre Antônio Vieira, onde em si mesmo já condensa todo este movimento, que é, a partir de leituras bíblicas, uma experiência passadista, especialmente dos profetas, Daniel, Zacarias e Isaías, dentre outros, se pôde criar um

⁴ BÍBLIA DE JERUSALÉM, 2019, pg. 1567.

⁵ BÍBLIA DE JERUSALÉM, 2019, pg.1569.

⁶ LIMA, 2017, p. 79.

⁷ KOSELLECK, 2006.

futuro extremamente palpável, sonhando-o com o “pé no chão”, a partir de sua realidade; futuro este que não podemos excluir de todo, tratando-o como “ilusório” em nossa contemporaneidade, visto que se faz presente nos dias atuais, como veremos ao longo do texto.

Por esse motivo foi feita essa escolha, pois a partir de Koselleck, pretendemos alcançar os objetivos propostos, que são: A reconstituição de dois grandes autores vitais para a formação de um crescente imaginário apocalíptico presente em meados do século XVII; precisar a participação das “grandes descobertas” e conseqüentemente do Novo Mundo para o milenarismo vieirino e o messianismo de Menasseh; identificar as influências judaicas em Vieira, e as influências milenaristas em Menasseh, tendo como base a relação de ambos.

CAPÍTULO 1

1.1 Padre Antônio Vieira: Vida

Abriremos este capítulo referente à vida de Antônio Vieira, fornecendo uma contextualização histórica com um enfoque em seu relacionamento com os judeus sefarditas em um primeiro momento, esclarecendo esse “espaço de experiência” que também serviu de inspiração e base para a construção de seu “horizonte de expectativas”, suas obras proféticas, que virão em um segundo momento.

Antônio Vieira foi um sábio, cristão, intérprete de mistérios e profecias, “era descendente de judeus por via materna. Era também um *veterotestamentário* assumido”,⁸ um incrível devoto e apaixonado pela causa judaica em seu tempo. Esta conexão de Vieira com os cristãos-novos – essencial em sua obra e neste trabalho – foi além de apenas intelectual, mas também muito humana e humilde, como é perceptível em sua carta para os judeus sefarditas de Ruão – refugiados da inquisição –, que visitou durante sua viagem para Amsterdam.

O que mais tenho sentido é haverem sido tão poucos os dias que Vossas Mercês me comunicaram que se não pôde manifestar neles o afeto com que a todos Vossas Mercês amo, que se antes do conhecimento o fazia grande a razão, e a indignação, depois que vi e tratei a Vossas Mercês o faz já muito maior a obrigação e a dor.⁹

Neste relacionamento com os judeus, Vieira sempre irá relacioná-los com sua obra profética, onde a redenção dos mesmos se faz necessária para o cumprimento das profecias,¹⁰ falamos então de algo conhecido e caro ao cristianismo, um “universalismo”, esta necessidade de “abraçar” o próximo e trazer para si – com exceção do Turco, no caso de Vieira –, principalmente tratando dos judeus, onde temos “notícias” de sua redenção desde as epístolas paulinas: Romanos, capítulo 11, versículo 25, “Não quero que ignoreis, irmãos, este mistério, para que não *vos tenhais na conta de sábios*: o endurecimento atingiu uma parte de Israel até que chegue a plenitude das nações, e assim todo Israel será salvo, conforme está escrito”.¹¹

Segundo Miguel Real, a mentalidade judaica presente não apenas em Vieira, mas também na sociedade portuguesa em si, é uma de duas partes. A primeira é a

⁸ VAINFAS, 2011, p.123.

⁹ VIEIRA, 2013, p. 168.

¹⁰ ANDRADE, 2015.

¹¹ BÍBLIA DE JERUSALÉM, 2019, p. 1985.

mentalidade “do ciclo erro-expição/castigo-perdão”¹², onde o sofrimento é justificado, e leva ao arrependimento, compreensão e conseqüentemente à melhora e ao perdão, e à visão do Messias, um “Messias libertador, propulsor de um novo reinado de paz e justiça, e gerador de uma visão majestosa do futuro face a um presente resignado.”¹³

A segunda parte essencial ao pensamento português é a “mentalidade de Cruzado” chamada de “*Militia Dei*”, em intercâmbio com a “visão joaquimita do Império do Espírito Santo”. Essa “filosofia” adotada pela história portuguesa é intrinsecamente ligada ao passado “providencial” de Portugal frente aos Mouros e à Espanha.

Sobre esse passado providencial, Carlos Fuentes denomina de “fronteiras crepusculares” uma realidade muito próprio ao medievo ibérico, mais especificamente o da presença muçulmana, de 711 a 1492, em que Portugal, Espanha e os diversos reinos muçulmanos batalhavam constantemente para manter ou expandir suas fronteiras físicas, e ao mesmo tempo realizavam trocas culturais e intelectuais pacíficas¹⁴, mesclando como a luz e o escuro no crepúsculo, a fronteira real e física, com a imaginária e a teórica.

Portugal possui como berço de nascença essas “fronteiras crepusculares”, tendo se tornado um reino reconhecido no século XII, pelo menos quatrocentos anos após a invasão moura, concedendo uma ideia de povo predestinado à vitória e reconquista de seus territórios contra o herege¹⁵. Essa ideia perpassou os séculos de tal modo, que foi revitalizada em D. Sebastião, e em 1597¹⁶ no “achado” de um pergaminho que continha informações sobre a aparição de Cristo para Afonso Henriques, o primeiro rei de Portugal. “Assim, a visão joaquimista/cruzadística, e a visão judaico-messiânica fundem-se na visão providencialista da História de Portugal”¹⁷.

Toda essa visão providencialista de Portugal desaguará no desaparecimento de D. Sebastião na batalha de Alcácer Quibir, quando o próprio povo português se vê em situação de abandono e “exílio” em sua própria terra. Vieira por sua vez, absorvendo o sebastianismo e conceito de Quinto Império, redimensionou essa crença para D. João IV, em seu *Sermão dos Bons Anos*.

¹² REAL, 2008, 112.

¹³ REAL, 2008, 113.

¹⁴ FUENTES, 2001.

¹⁵ SOUSA, 2009.

¹⁶ REAL, 2008.

¹⁷ REAL, 2008, p. 113.

No primeiro sermão oficial no cargo, em 1 de janeiro de 1642, Antônio Vieira buscou legitimar a hipotética predestinação divina do novo soberano. Em reviravolta retórica, associou-a à memória do mítico d. Sebastião. Engenhoso com as palavras, Vieira converteu o sebastianismo em uma espécie de “joanismo”. / “Os portugueses [...] buscando a um rei morto, se vêm a encontrar um vivo”, disse. “[Portugal] buscava-o por esse mundo, perguntava por ele, não sabia onde estava, chorava, suspirava, gemia e o rei vivo e verdadeiro deixava-se estar encoberto, e não se manifestava, porque não era ainda chegada a ocasião”, sugeriu Vieira, no púlpito da Capela Real.¹⁸

Resumindo, Vieira fará uma união do Sebastianismo, Joanismo e Judaísmo em seu projeto de Quinto Império¹⁹.

Seus escritos passaram a ser conhecidos a partir de uma carta redigida ao Bispo Eleito do Japão, o jesuíta André Fernandes,²⁰ falando sobre a ressurreição de D. João IV. Esta carta se espalha ao longo do Reino português, popularizando Vieira de péssima maneira, como os “panfletos que começaram a correr no Porto ridicularizando sua figura como padrego derrotado, meio judeu, amulatado”,²¹ demonstram, e também com a Inquisição, pois em defesa dos cristãos-novos exilados, durante o reinado de D. João IV, com quem Vieira gozava de muita confiança e liberdade, travou uma “guerra santa”, e segura, tentando cada vez mais delimitar o poder dos inquisidores.

A Companhia de Comércio do Brasil era somente o primeiro passo que, não por acaso, veio de braços dados com o decreto isentando os cristãos-novos do confisco de bens, caso condenados. Os passos seguintes seriam a abolição dos processos secretos e, por fim, a extinção da diferença entre cristãos-velhos e novos. Entrementes, os próprios judeus portugueses poderiam regressar a Portugal...²²

Com este passado conturbado com a Inquisição, a partir da popularidade de sua carta polêmica, foi aberta uma brecha para a Inquisição julgar Vieira, e assim se sucedeu após a morte de D. João IV. A partir do seu julgamento, Vieira utiliza em sua defesa um texto que já vinha elaborando, e ao qual agora poderia dedicar-se exclusivamente, a *História do Futuro*²³.

Um detalhe interessantíssimo do julgamento de Vieira é o de que um dos inquisidores, Pantaleão Rodrigues Pacheco, foi um dos poucos bispos que apoiou a Restauração. “Em 1643, publicou um *Manifesto do Reino de Portugal*, endereçado ao

¹⁸ NETO, 2021 p. 221.

¹⁹ REAL, 2008.

²⁰ REAL, 2008. p. 128.

²¹ VAINFAS, 2011, p. 223.

²² VAINFAS, 2011, p. 174-175.

²³ MARTINI e ROSSATO, 2012.

papa, no qual defendeu a legitimidade de D. João IV, apoiando-se, entre outros argumentos, nas profecias do Bandarra!”²⁴. Este fato é extremamente irônico, visto que um dos motivos de Vieira ser julgado como judaizante, foi pelo uso das Trovas de Bandarra, demonstrando o quão “infiltradas” estavam no imaginário português. É importante ressaltar que a maioria dos inquisidores eram espanhóis, e não apoiavam a restauração do reino de Portugal, sendo esse, além das influências judaicas, um dos motivos de não permitirem as trovas.

É interessante nos atentarmos para a data em que o *Manifesto do Reino de Portugal* foi publicado, 1643. As décadas de 40 e 50 do século XVII foram responsáveis por uma “explosão” intelectual, milenarista e messiânica em todo o mundo, possuindo seu próprio Messias, já mencionado, chamado Shabbatai; o encontro entre Menasseh e Vieira; as publicações de Menasseh que serão analisadas neste trabalho; o estopim da escrita do livro *História do Futuro*, de Vieira, e a escrita da carta *Esperanças de Portugal*. “Esta é a atmosfera mental que Pe. António Vieira vem encontrar em Portugal em 1641: um judaísmo à flor da pele”²⁵.

Para finalizar a nossa contextualização histórica, é necessário citar o encontro de Vieira e Menasseh, sendo um marco no pensamento escatológico de Vieira, visto que ele “começa a escrever a *História do Futuro* em 1649, isto é, no ano imediatamente a seguir ao do regresso da Holanda.”²⁶.

Segundo Lira Neto, quanto ao motivo da visita de Vieira:

[...] para evitar ser alvo de descatos em uma nação onde católicos constituíam minoria, tratou de não vestir a habitual batina negra da Companhia de Jesus. Preferiu envergar a capa escarlate dos embaixadores, com a respectiva espada cerimonial à cinta. D. João IV o encarregara de uma tarefa a ser executada com redobrada argúcia.” / “Cabia a Vieira sondar o humor dos senhores representantes dos Estados Gerais quanto a uma possível venda a prazo, a Portugal, das capitanias brasileiras então ocupadas pelos neerlandeses. A ideia era abrir caminho para a apresentação, por meio dos canais oficiais da diplomacia, de uma proposta da ordem de 3 milhões de cruzados, amortizados em prestações anuais, em troca da restituição imediata das possessões transatlânticas. Em termos claros, tratava-se de comprar o Brasil.”²⁷

²⁴ VAINFAS, 2011, p. 230.

²⁵ REAL, 2008, p. 121.

²⁶ REAL, 2008, p. 126.

²⁷ NETO, 2021, p. 246.

Sendo um dos motivos frustrados de Vieira as relações diplomáticas entre Portugal e Holanda, sua atenção voltou-se para outro objetivo tão importante quanto, a questão judaica. Vieira buscava constantemente diminuir a intensidade e área de atuação da Inquisição em terras lusófonas, e com isso, a volta dos “homens da nação” para Portugal. Isso fica claro tanto na carta para os judeus sefarditas de Ruão, quanto em Amsterdam, ao compartilhar “com eles a ideia de persuadir d. João IV a revogar as leis antijudaicas em Portugal como legítima compensação pelo eventual financiamento de aquisição pelo Brasil.”²⁸.

Como fica claro, os interesses políticos de Vieira o motivavam nessas negociações, mas não eram seu interesse exclusivo, posto que tanto essa leitura política de seu mundo, quanto a questão religiosa e milenarista estavam intrinsecamente ligadas à sua mundividência.²⁹ Sendo assim, ele se encontrou com Menasseh, e “teria travado longas conversas”³⁰.

Segundo Miguel Real – com talvez um pouco de fatalismo em suas conclusões –, das duas viagens feitas por Vieira a Amsterdam, o resultado mais significativo foram as transformações que o mesmo sofreu na “doutrina do bandarrismo/sebastianismo/joanismo face às Sagradas Escrituras”³¹.

1 – Os mistérios e sinais da Bíblia passavam a fazer sentido; 2 – A História de Portugal, toda ela, passava a fazer sentido; 3 – A evangelização e a missionarização de franciscanos, jesuítas e outras ordens religiosas por toda a Ásia, África e América passavam a fazer sentido; 4 – A queda dos Lugares Santos e o cerco do Turco à Europa passavam a fazer sentido; 5 – A destruição do Reino de Israel e o desaparecimento das 10 Tribos de Israel passavam a fazer sentido; 6 – A morte de Cristo às mãos dos judeus e as próprias perseguições e matanças a este povo passavam a fazer sentido; 7 – A perda da independência de Portugal durante 60 anos e a subsequente Restauração pelo rei D. João IV e não por seu pai D. Teodósio ou por D. Sebastião passavam a fazer sentido; 8 – A sua própria vida, de Pe. António Vieira – nascido em Lisboa mas criado na Baía, em conjunto com o impulso juvenil de servir os jesuítas –, passava a fazer sentido.³²

Quanto às novas conclusões que Vieira chegará:

1 – Bandarra tivera razão: como ele profetizara, cerca de 100 anos antes, a primeira Tribo a aparecer foi a de Ruben; 2 – Os diversos

²⁸ NETO, 2021, p. 250.

²⁹ REAL, 2008.

³⁰ NETO, 2021, p. 250.

³¹ REAL, 2008, p. 125.

³² REAL, 2008, p. 125.

sinais catastróficos que sucediam e se anunciavam por toda a Europa, como a ameaça latente do Turco invadir a Áustria e dominar a Itália e a terra papal e os príncipes católicos adversos uns contra outros (Guerra de Espanha contra a França; Espanha a querer dominar Portugal) deviam ser interpretados como sinais do fim dos tempos; 3 – A leitura profética que Pe. António Vieira próprio fizera da História de Portugal, em 1642, deveria ser unida à leitura profética judaica e, cruzadas ambas as interpretações, deveriam formar o corpo total da teoria do Quinto Império.³³

Antes de adentrar a obra de Vieira, vale dedicarmos um tempo a Bandarra, que é um personagem intrínseco a todo o pensamento sebastianista/joanista de Vieira, principalmente em sua carta *Esperanças de Portugal*.

³³ REAL, 2008, p. 127.

1.2 Gonçalo Annes Bandarra

Este subcapítulo irá se debruçar de maneira resumida sobre a vida e obra – as trovas – de Bandarra, para esclarecer uma parte essencial do pensamento vieirino, já desde aqui completamente rodeado de um messianismo judaico.

Mas para que se veja quão pouco firmes são os fundamentos das aparências desta apreensão, quão injusta a suspeita e quão caluniosa a fama que contra a fé de Bandarra e contra a limpeza de seu nascimento se espalhou vãmente no vulgo, e quão mercedores foram os procedimentos de sua vida de acrescentar opinião e crédito a seus escritos: saberá agora o mundo (para que tenha também a justiça dos pobres e humildes quem acuda por ela) que Bandarra, quanto à fé, foi verdadeiro cristão; quanto ao nascimento, cristão-velho, e quanto à vida e costumes, não só bom e pio cristão, mas no grau de seu estado, e muito servo de Deus.³⁴

Adentramos na vida de Bandarra (1500-1556) por meio de uma citação de Vieira, primeiro por ele ser douto na vida do mesmo, segundo por estar mais próximo dele, historicamente, do que todos nós, e principalmente porque, ao defender com uma dedicação extraordinária, em 49 páginas na *História do Futuro*, que Bandarra não era judeu de nascimento, nem de religião, apenas nos incute ainda mais a dúvida: quão judaizante foi Bandarra?

“Designado por idiota, que significava rústico, inculto, mas não analfabeto, Gonçalo Anes baseava os seus versos no que ouvia nas homilias de domingo, numa ou noutra leitura avulsa do Antigo Testamento”³⁵, criando uma interpretação do Quinto Império e do Encoberto que passarão a ser vinculadas ao sebastianismo.

Através do Livro de *Daniel*, compreende, não de forma inaugural, que o profeta lê e adivinha o sonho de Nabucodonosor, afirmando que no fim do quarto império, a pedra que descolara da montanha destruindo a estátua ocuparia o mundo todo, representando o Quinto Império, o reinado de Cristo, que viria com o Encoberto. Assim, D. Sebastião tomou este manto para si após desaparecer, para um dia voltar com toda a glória de Portugal.

Seguindo a proposta de Vieira, pensemos primeiro nas raízes cristãs, visto que, se fosse de uma leitura exclusiva judaica, Bandarra não teria a recepção que teve por todo

³⁴ VIEIRA, 2015, p. 354.

³⁵ REAL, 2008, p. 67.

o mundo cristão: “Segundo o testemunho de Vieira, as crianças aprendiam a ler em cópias das suas trovas, na região de Portugal, a Beira”³⁶.

Antônio José Saraiva classifica suas trovas como um produto “neocristão”, e coloca como uma de suas conclusões a proliferação das mesmas dentro do messianismo joaquimita, pós-sebastianista, tendo o próprio Vieira como representante³⁷.

Outro forte indício da fama de Bandarra entre os cristãos portugueses foi pela proibição de suas trovas, postas no oitavo índice, em 1581, devido não apenas à fama entre os cristãos-novos, mas também pela popularização entre o povo português de forma geral, que não aceitava a coroação de Filipe II e a anexação de Portugal à Espanha, quando da União Ibérica³⁸.

Por fim, Saraiva nos conta que “Depois da restauração da independência nacional em 1640, ele tornou-se um autor quase sagrado; a sua imagem foi colocada num altar da Sé de Lisboa, aquando da comemoração do primeiro aniversário da revolução”³⁹. Dessa forma, fica demonstrada a seriedade com que os escritos de Bandarra eram levados neste reino cristão.

Agora, o fascínio deste tema se encontra nas “dicotomias e acordos” entre cristãos e judeus, pois o fato de um se utilizar dele não exclui a influência que foi aplicada ao outro, sendo assim, discorreremos contrariamente à argumentação de Vieira.

Partindo novamente do próprio Saraiva, que anteriormente definiu as trovas como “neocristãs”, pois estão “testemunhando a ambiguidade e mesmo a indeterminação religiosa da população portuguesa de origem judaica que começara a misturar-se com os cristãos-velhos”⁴⁰.

Devemos primeiro considerar a possibilidade de Bandarra ser um converso, e que mantinha contato com os cristãos-novos, pois ele se utilizava de termos característicos desta comunidade sefardita em suas trovas, “tais como Leão, união das doze tribos de Israel, os filhos perdidos, entre outros”⁴¹. Podemos exemplificar essa conexão com os cristão-novos em Lisboa, na data de 1531, pois eles procuravam-no “para conversarem sobre o sentido das coplas”⁴². Luís Filipe Silvério Lima atesta também que Bandarra,

³⁶ LIMA, 2009, p. 442.

³⁷ SARAIVA, 1992.

³⁸ LIMA, 2009.

³⁹ SARAIVA, 1992, p. 77.

⁴⁰ SARAIVA, 1992, p. 81.

⁴¹ ANDRADE, 2015, p. 15.

⁴² SARAIVA, 1992, p. 80.

através de suas viagens, introduziu de forma efetiva suas Trovas por todo Portugal, em especial nas comunidades sefarditas de Lisboa, e de sua própria vila⁴³.

Através desta correlação judaico-cristã, encontrada nas trovas, e principalmente por elas terem sido muitas vezes alteradas ou pertencentes a certos nichos, cidades, vemos surgir sua verdadeira importância, onde ao mesmo tempo que se tornaram fundamentais para a essência de um país cristão, não deixaram de ter uma interpretação na mesma medida por judeus sefarditas, demonstrando as trocas intelectuais, mesmo que no cunho popular, como foi proposto demonstrar neste trabalho.

Não é mistério algum que as trovas de Bandarra tomaram outra proporção após o desaparecimento de D. Sebastião, e passaram a ser lidas e interpretadas com a lente do sebastianismo. Tendo isso em vista, não podemos confirmar que essa mesma lente sebastianista estava presente no meio judaico sefardita, através do “criptojudaísmo”, mas podemos afirmar que, de certa maneira, essas trovas, também milenaristas, estavam presentes no meio judaico da península ibérica, como veremos a seguir.

Em 1582, através do caderno de um inquisidor, presenciamos dois cristãos-novos portugueses, que são descobertos na posse das coplas de Bandarra adaptadas, que clamavam a “chegada da salvação do povo judeu e da chegada à ‘terra do prometimento’”⁴⁴.

a preocupação do Santo Ofício era com o fluxo de coplas que pudessem suscitar perturbações na comunidade cristã-nova à espera do seu messias em momento delicado do reino português, no qual muitos também esperavam a volta de d. Sebastião.⁴⁵

Logo, não só essas trovas de cunho “neocristão” eram célebres e adaptadas entre os judeus conversos para atenderem suas necessidades, mas também os próprios inquisidores temiam animosidades a partir da leitura delas em relação a esperas messiânicas dos mesmos.

As esperanças portuguesas poderiam então se alinhar às esperanças judaicas. Um messias, restaurador da humanidade, que pudesse reinar com paz e unidade era uma esperança comum tanto aos portugueses-cristãos velhos como aos cristãos novos.

O povo português, tal como o judeu, estaria vivendo uma experiência exílica, tendo sido subtraído de seu pertencimento nacional. Um povo sem líder à espera da redenção, situação muito semelhante à vivida pelos judeus ao longo de sua história. A

⁴³ LIMA, 2009, p. 442.

⁴⁴ LIMA, 2009, p. 443.

⁴⁵ LIMA, 2009, p. 444.

partir desse argumento, podemos inferir que uma aproximação da religiosidade dos conversos com o sebastianismo não seria impossível⁴⁶.

⁴⁶ ANDRADE, 2015, p. 15.

1.3 Padre Antônio Vieira: Obra

Focando agora nas obras de Vieira que foram selecionadas como fontes, faremos num primeiro instante uma análise mais geral das mesmas, mantendo sempre em vista nossos objetivos, sendo eles, no caso de Vieira, a “questão” judaica e a presença das “grandes descobertas”. Começamos citando São Jerônimo da mesma maneira e com o mesmo objetivo que Vieira o fez, em que parecendo haver muitas novidades e conceitos estranhos, há também maravilhamento e esperança: “*Legant prius, et postea despiciant: ‘Leiam primeiro, e depois condenem.’*”⁴⁷

Vieira viveu 32 anos sob o jugo espanhol, o que o fez comparar sua realidade com a do povo hebreu durante o exílio na Babilônia, e como as profecias de Daniel foram necessárias para a manutenção do ânimo e da esperança dos hebreus, resumidamente, sua sobrevivência durante o exílio; as profecias interpretadas e organizadas por Vieira, segundo ele, possuiriam o mesmo valor para o povo português sob a constante ameaça de um domínio espanhol, mesmo após a restauração, visto a fragilidade econômica e militar em que Portugal se encontrava^{48,49}. Como foi muitíssimo bem retratado por Miguel Real, “a obra de Pe. Antônio Vieira coexiste com uma evidente frágil real situação política nacional (de novo ameaçada de perda de independência por parte de Espanha e de mutilação de partes do território ultramarino pela Holanda)”⁵⁰.

Que vem a ser nossa História do Futuro senão o escudo da presciência, *praescientiae, clypeus*? Armados com este escudo, que trabalhos ou perigos nos pode oferecer o mar, a terra e o mundo? E que golpes nos pode tirar com todas as forças de seu poder que não sustentamos nele com animosa constância? Quem haverá que debaixo deste escudo não emprenda as mais dificultosas conquistas, não aceite as mais arriscadas batalhas e não vença e triunfe dos mais poderosos inimigos, se as empresas no mesmo escudo vão já resolutas, as batalhas vão já vencidas os inimigos já triunfados?⁵¹

Desde este ponto toma seu princípio a nossa História, a qual nos irá descobrindo as novas regiões e os novos habitantes deste segundo hemisfério do tempo, que são os Antípodas do passado. Oh, que de coisas grandes e raras haverá que ver neste novo descobrimento!⁵²

Na segunda citação, Vieira utiliza o termo “antípodas do passado”, que compreende o oposto, tendo como definição física no século XVII aqueles cujas solas

⁴⁷ VIEIRA, 2015, p. 67, na citação do prefácio a *In Isaiam Prophetam*, de S. Jerônimo.

⁴⁸ FRANCO, 2008.

⁴⁹ REAL, 2008.

⁵⁰ REAL, 2008, p. 111.

⁵¹ VIEIRA, 2015, p. 101.

⁵² VIEIRA, 2015, p. 65.

dos pés estariam de “encontro” com as solas dos pés dos europeus, “ao contrário”. Logo, para Vieira, os habitantes da América seriam os antípodas dos europeus, pois estariam ao contrário, de “ponta-cabeça”, com suas solas de encontro com as dos europeus. Se utilizando desse conceito, Vieira neste excerto trata alegoricamente os americanos como aqueles que estão ao contrário do passado, o futuro⁵³.

Trataremos então dos dois conceitos de que Vieira se utiliza ao citar os Antípodas, primeiro a questão geográfica, com a utilização das profecias de Isaías e Salomão para a descoberta do Novo Mundo, os Antípodas, e em segundo a questão do futuro, com a utilização das profecias de Daniel e Zacarias para a descoberta do que ainda estava por vir.

As profecias de Isaías e Salomão são de grande importância para Vieira, pois sendo canônicas, elas se unem em diversos aspectos para formarem um corpo, junto com as profecias de personagens portugueses, como Bandarra, que edificam este Quinto Império, que por sua vez, como já vimos, é encontrado de forma central nas profecias de Daniel e Zacarias, por isso nossa opção em aprofundar apenas nas profecias de caráter exclusivamente judaico, e as respectivas interpretações de Vieira. É válido termos em vista que para a concretização desse universo apocalíptico, a descoberta de novos continentes é algo revolucionário, basta lembrarmos umas das últimas palavras de Cristo para seus apóstolos: Mc 16:15 “E disse-lhes: ‘Ide por todo o mundo, proclamai o Evangelho a toda criatura.’”⁵⁴. Logo, surgiu um novo continente que precisa ouvir sobre o evangelho para que profecias e mandamentos se cumpram.

A primeira passagem que iremos destacar é do “Cântico dos cânticos”, Ct 4: 13-16: “As tuas emissões são um paraíso de romãs com árvores de frutos. /Levanta-te, vento norte, e vem tu, vento sul, sopra sobre o meu jardim, e derramem-se os seus aromas”⁵⁵, atribuída a Salomão por Vieira. Segundo o mesmo, essa passagem seria Cristo, referindo-se ao Seu próprio jardim, a Igreja, sendo o vento norte que se retira da igreja, as heresias, e o sul a nova igreja⁵⁶. Possivelmente, Vieira está se referindo ao ano de 1492, quando o último reinado árabe da Península Ibérica é derrotado, o Reino de Granada, e o Novo Mundo é descoberto. No que diz respeito aos frutos e aromas, Vieira

⁵³ VIEIRA, 2015.

⁵⁴ BÍBLIA DE JERUSALÉM, 2019, p. 1785.

⁵⁵ VIEIRA, 2015, p. 185.

⁵⁶ VIEIRA, 2015.

os conecta com a Índia, pois a Índia fornecia os mesmos frutos que são citados no versículo 15 do mesmo capítulo, como “canela, a canafistola, o sândalo, o beijoim”⁵⁷, dentre outros.

Quanto à questão espiritual, a versão vulgata da bíblia permitia uma leitura dupla do versículo 13, em “emissões” poderia ser “exalações” e em “romãs com árvores de frutos”, “com frutos de frutos”. Desta forma Vieira faz uma leitura da ida dos missionários à Índia como aqueles que “exalam” esse teor espiritual, levando o evangelho, um fruto espiritual, e traziam consigo na volta os frutos físicos, que foram citados acima, sendo assim “com frutos de frutos”⁵⁸.

Adentrando no profeta Isaías, que segundo Vieira, seguindo aparentemente uma concordância geral dos “comentadores modernos”⁵⁹, foi o responsável por “avisar” sobre o “descobrimento dos Antípodas”⁶⁰, segue o versículo que diz respeito ao assunto. Is 8:

Ai da terra com címbalos de asas, que se acha para lá dos rios da Etiópia; que envia embaixadas ao mar flutuando sobre as águas em embarcações de papiro. Ide, anjos velozes, a essa gente destruída e dilacerada, a esse povo terrível para lá do qual já não há mais nenhum outro, a essa gente expectante e esmagada, cujos rios lhes arrebataram a terra.⁶¹

É preciso explicitar que Vieira também se utiliza da tradução e interpretação sobre o livro de Isaías, de Jonatã ben Uzziel, que interpreta essa passagem como “Ai da terra a que chegam com naus de uma terra longínqua, estendendo as velas como águias voando com suas asas”⁶², pois nos será útil adiante.

Para Vieira, esta passagem certamente se refere ao Brasil. Sendo o mundo um globo, estaríamos geograficamente “atrás” da Etiópia, e quando cita um “povo terrível” só poderia estar se referindo aos indígenas, pois além de matarem seus inimigos, suas mulheres os cozinhavam para todos comerem com leite, e não obstante, faziam flautas dos ossos que restavam sem demonstrar nenhum espanto ou arrependimento, sendo muito ao contrário disto, pois as flautas eram motivo de honra⁶³.

⁵⁷ VIEIRA, 2015, p. 186.

⁵⁸ VIEIRA, 2015.

⁵⁹ VIEIRA, 2015, p. 195.

⁶⁰ VIEIRA, 2015, p. 195.

⁶¹ VIEIRA, 2015, p. 195.

⁶² VIEIRA, 2015, p. 196.

⁶³ VIEIRA, 2015.

Prosseguindo com a ideia, Vieira afirma que as informações de Isaías são muito detalhadas e só podem tratar de uma província do Brasil, o Maranhão, pois quando se refere a “rios lhes arrebataram a terra”, Isaías só poderia estar se referindo ao estado alagado em que o Maranhão se encontrava devido ao Rio Amazonas, pois as próprias casas eram construídas sobre bases altas de “paus”, visto que não existia um firmamento para construí-las em terra. Ainda quanto a “rios”, o Amazonas é uma junção de diversos rios que deságuam nele, e com relação “ao mar flutuando”, Maranhão significa “Mar Grande”, enquanto em Grão-Pará, “Pará” significa “mar”⁶⁴.

Em “címbalos com asas” ou “velas como águias”, que seria traduzido como “sinos com asas”, Vieira afirma que os tupinambás chamavam as grandes embarcações de “maracatim”, sendo que “maracá” significava sino e “tim” o nariz, levando a entender que se referiam às embarcações cuja ponta poderia ser de metal, apesar de também ser usado para as que não possuíam o metal na ponta. Relativamente a “asas”, devia-se ao fato de que quando os índios iam para a guerra, ornavam seus “maracatim” com penas⁶⁵.

Ainda em relação aos indígenas, na parte “gente destruída e dilacerada”, Vieira irá pensar se tratar dos tupinambás, e em como eles foram obrigados a se retirar de suas terras no Maranhão, devido à guerra com os portugueses, e que ao embrenharem-se no Maranhão, também destruíram e dilaceraram outras populações indígenas que por ali habitavam para ocupar o lugar delas⁶⁶.

Por fim, em “anjos velozes”, Vieira afirma que o profeta está exortando os “pregadores evangélicos”, pois os povos indígenas no Maranhão estão “expectantes”, esperando o evangelho por muito tempo. Pedro Álvares Cabral chegou ao Brasil em 1500, e o Maranhão só foi conquistado por Alexandre de Moura⁶⁷ 114 anos depois⁶⁸.

diz o Apóstolo Paulo que ‘acomodou Deus e repartiu os séculos conforme os decretos de Sua palavra, para que das coisas invisíveis se fizessem as visíveis.’ Por onde não é muito que tanta parte do mundo e as gentes que o habitavam estivessem ignorados invisíveis por tantos séculos, e que depois chegasse um século em que se descobrissem fizessem visíveis. E assim como, corrida esta cortina, se descobriram e manifestaram as terras e gentes de que tinham falado os profetas,

⁶⁴ VIEIRA, 2015.

⁶⁵ VIEIRA, 2015.

⁶⁶ VIEIRA, 2015.

⁶⁷ Líder do exército português que conquistou o Maranhão dos Franceses.

⁶⁸ VIEIRA, 2015.

assim se entenderam e descobriram também os segredos e mistérios de suas profecias. Destas terras ultramarinas encobertas incógnitas falava Isaías, quando disse no capítulo 24: ‘Glorificai o Senhor nos seus ensinamentos, e nas ilhas do mar, o nome do Senhor, Deus de Israel’; e logo acrescentou: ‘Este segredo é só para mim, este segredo é só para mim’. E na mesma profecia estava profetizado as coisas e mais os segredos delas, e como podia ser que contra a verdade infalível da profecia soubessem os Antigos este segredo, antes de chegar o tempo em que Deus tinha determinado de o revelar?⁶⁹

Tendo dimensionado o Novo Mundo na *História do Futuro* de Antônio Vieira, voltemos para a já citada universalidade cristã, com um foco ainda maior nos judeus e em sua conversão, que Vieira irá envolver em sua teoria de uma maneira intrínseca para o desdobrar do futuro, tanto de participação quanto de importância, “Além disso, uma passagem desse sermão sugere que, se os judeus esperam o Messias, o Messias, por seu lado, espera e esperará pelos judeus.”⁷⁰.

A partir de uma interpretação de certa profecia, encontrada no livro de Abdias, versículo 20, utilizando a seguinte tradução “E a transmigração de Jerusalém, que está no Bósforo, possuirá as cidades do Austro”⁷¹. Vieira explicará duas teorias para o seu cumprimento, utilizando-as como um “espaço de experiência” em seu pensamento, para a vinda do Quinto Império, o “horizonte de expectativas”, o futuro.

Utilizando de São Jerônimo, e traduzindo do latim, interpretará Bósforo como Espanha, logo, “Diz agora o profeta Abdias que a transmigração de Jerusalém que passou a Espanha viria tempo em que possuísse as cidades do Austro.”⁷².

A primeira interpretação diz respeito a Nabucodonosor e a primeira diáspora a 721 a.C.,⁷³ na qual, por ordem deste imperador, uma parcela dos judeus foi obrigada a residir na Espanha, que fazia parte de seus domínios. Consequentemente, eles “não tiveram parte na morte de Cristo e conservaram sua antiga nobreza”⁷⁴, como também fizeram parte da “fundação da insigne cidade de Toledo, Maqueda, <Escalona> e outras.”⁷⁵. Logo, os judeus não apenas fizeram parte da fundação de grandes cidades da

⁶⁹ VIEIRA, 2015, p. 214.

⁷⁰ SARAIVA, 1992, p. 85.

⁷¹ VIEIRA, 2015, p. 203. Sobre um ponto de vista atualizado do respectivo versículo: “O primeiro exílio, o do povo do reino do Norte. – Sarepta (Sarafand) está entre Tiro e Sidônia; Safarad é identificada com Sardes, na Lídia, onde a presença judaica é atestada”. BIBLIA DE JERUSALEM, 2019, p. 1630.

⁷² VIEIRA, 2015, p. 203.

⁷³ FERNANDES, 2008.

⁷⁴ VIEIRA, 2015, p. 204.

⁷⁵ VIEIRA, 2015, p. 204.

península ibérica, segundo esta interpretação, como também são a base da própria população ibérica! Antecessores do próprio reino de Portugal e Espanha.

A segunda interpretação apresentada por Vieira diz respeito ao novo testamento. Após Jesus mandar seus apóstolos para todo o mundo, envia Tiago e seus discípulos para a Espanha⁷⁶, onde o evangelho é firmado em solo fértil e cresce vertiginosamente, confirmando assim, também, a profecia de Abdias.

Nos resta saber qual das interpretações Vieira adotará como sua, e para isso temos uma síntese precisa realizada por Antônio José Saraiva sobre a opinião final de Vieira.

Vieira encontra a síntese, ou, como se dizia na época, a “conciliação” de ambas. Com efeito, entre os judeus expatriados em Espanha, na época de Nabucodonosor, encontrava-se um profeta chamado Malaquias ou Samuel; seiscentos anos depois da sua morte, Santiago, chegado por sua vez à mesma região, ressuscitou-o e converteu-o. Com o nome de Pedro, esse judeu tornou-se bispo de Braga e foi o principal colaborador de Santiago na cristianização da Espanha.⁷⁷

Vieira finaliza seu pensamento afirmando não se tratar da Espanha, a profecia, e sim de Portugal, pois quando o profeta se refere ao “domínio da terra incógnita, geralmente chamada ‘Terras Austral’”⁷⁸, só poderia estar se referindo às inúmeras colônias de Portugal. O “universalismo” somado à “questão judaica” cresceu de tal forma no milenarismo de Vieira, que o mesmo fez uma relação entre um passado e futuro judaicos na península ibérica. Não bastou apenas uma redenção para os judeus, mas também necessitou esclarecer uma origem em comum, ou mesmo justificar a própria origem dos portugueses e espanhóis.

No que diz respeito às profecias do futuro, Vieira faz uma interpretação conjunta das profecias de Daniel (2: 27-45; 7: 1-27) e Zacarias (6: 1-8) sobre o assunto do Quinto Império.

Os respectivos impérios segundo Vieira – que são representados por animais, carroças ou metais – correspondem nesta ordem a Assírios, Persas, Gregos e Romanos.

“Será pois a primeira pedra deste edifício uma grande profecia de Daniel”⁷⁹. A cabeça da estátua de Nabucodonosor era de ouro, representando o império dos assírios

⁷⁶ VIEIRA, 2015.

⁷⁷ SARAIVA, 1992, p. 84.

⁷⁸ VIEIRA, 2015, p. 206.

⁷⁹ VIEIRA, 2015, p. 437.

sob a figura de Nabucodonosor. A prata, localizada nos peitos e braços da estátua, significa o império dos persas. O bronze, o terceiro metal, localizado no ventre, representa o império dos gregos. Por fim, o ferro, o quarto metal, significa o império dos romanos, localizado nas pernas e nos pés da estátua⁸⁰.

Continuando no primeiro sonho, os romanos são colocados como ferro e barro aos pés e pernas da estátua, carregando “sobre si e em si o peso e grandeza de todos os outros impérios que nele se uniram e juntaram”⁸¹, e como o ferro dobra todos os metais⁸², dobraram todos à sua vontade, e por serem as pernas, sustentam os reinos anteriores, sendo as duas pernas o império ocidental e oriental. O barro e o ferro, nos dedos da estátua não se misturam, sendo os dedos os dez reinos que vieram a partir da destruição de Roma: “Portugal, Castela, França, Inglaterra, Suécia, Dinamarca, Moscóvia, Polônia e Estado Turco e o mesmo império romano que compreende Alemanha e Itália”⁸³. São de barro e ferro por terem impérios mais fortes ou mais fracos que outros, e por não se “misturarem”, pois mesmo com a maioria destes impérios compartilhando laços familiares entre si, eles não são verdadeiramente unidos. Vide o exemplo de Castela na União Ibérica dominando Portugal⁸⁴.

Por fim, nos mostra Vieira como estaríamos muitíssimo perto do Quinto Império, e que os últimos desdobramentos das profecias estão a decorrer. “Significam os dedos dos pés da estátua as últimas extremidades do império romano e sua duração e, se eu me não engano, no mesmo dia em que isto estou escrevendo se está cumprindo esta profecia.”⁸⁵.

“Passados 47 anos do sonho ou visão de Nabucodonosor, que vem a ser no ano 54 do último cativeiro dos hebreus em Babilônia.”⁸⁶, Daniel sonha, vê, ou é “transportado” para outra realidade.

Quanto à segunda visão que Daniel relata, Vieira comenta ser uma duplicação do primeiro sonho de Nabucodonosor, e que o mar de onde as bestas surgem representa o mundo, e os ventos e tempestades que agitam esse mar são “guerras e perturbações que

⁸⁰ VIEIRA, 2015.

⁸¹ VIEIRA, 2015, p. 440-441.

⁸² VIEIRA, 2015.

⁸³ VIEIRA, 2015, p. 442.

⁸⁴ VIEIRA, 2015.

⁸⁵ VIEIRA, 2015, p. 444.

⁸⁶ VIEIRA, 2015, p. 447.

se costumam experimentar no mesmo mundo quando nele se levantam novos impérios.”⁸⁷.

A quarta besta com dez chifres se relaciona diretamente com o pé da estátua, por ter dez dedos. Logo, trata-se de Roma, e por todo o mundo ser sujeito a esta fera, que pisoteia e destrói tudo, ela é morta também de forma violenta, o que seria outra referência ao reinado de Roma com as invasões bárbaras⁸⁸. Quanto às outras bestas, Vieira não se aprofunda muito nelas na *História do Futuro*, ao invés, ele irá analisar essa sucessão de impérios pela profecia de Zacarias.

“Assim como Deus dobrou as visões, assim dobrou também as testemunhas”⁸⁹, “A primeira profecia de Daniel foi em tempo de Nabucodonosor, a segunda em tempo de Baltazar, que sucedeu a Nabuco. E esta terceira de Zacarias, em tempo de Hidaspes, que sucedeu a Baltazar.”⁹⁰.

Segundo Vieira, essa visão se utiliza da metáfora de “ventos para mostrar a violência e velocidade com que seus fundadores conquistariam e sujeitariam por armas os reinos, terras e gentes de que se haviam de formar os ditos impérios.”⁹¹, e carroças pois “a principal força dos exércitos consistia nas carroças armadas”⁹².

O império dos Assírios é representado pela primeira carroça, levada por cavalos da cor de fogo, ruivos, representando todo o caos e destruição que causaram no povo hebreu, “principalmente no cativeiro de setenta anos, a que eles com razão chamavam ‘fornalhas da Babilônia’.”⁹³. O império dos persas é representado por cavalos pretos, a “cor de tristeza e luto, porque também os Persas afligiram e foram lutosos aos Hebreus”⁹⁴. A terceira carroça, representando os gregos, é conduzida por cavalos brancos, “cor pacífica e alegre”⁹⁵, pois o gregos, em sua maioria, foram bons com o povo hebreu, “e mais que todos Alexandre Magno, fundador daquele império, cuja majestade, como escreve Josefo, não duvidou de adorar no templo ao Pontífice Jado.”⁹⁶.

⁸⁷ VIEIRA, 2015, p. 450.

⁸⁸ VIEIRA, 2015.

⁸⁹ VIEIRA, 2015, p. 451.

⁹⁰ VIEIRA, 2015, p. 451.

⁹¹ VIEIRA, 2015, p. 452.

⁹² VIEIRA, 2015, p. 452.

⁹³ VIEIRA, 2015, p. 452-453.

⁹⁴ VIEIRA, 2015, p. 453.

⁹⁵ VIEIRA, 2015, p. 453.

⁹⁶ VIEIRA, 2015, p. 453.

Finalmente, a 4.^a carroça representava o império dos romanos, e tiravam por ela cavalos vários, porque os romanos, assim no ódio como na benevolência, foram vários para com os Hebreus: uns, amigos e propícios, como Júlio César, Augusto, Tibério, Cláudio; outros inimigos, perseguidores e cruéis, como Pompeu, Calígula, Nero, Vespasiano, Adriano, Tito.⁹⁷

Explicando o caminho que as mesmas carroças percorreram, a primeira não foi a lugar algum, visto que representava os assírios em seu apogeu, a segunda foi em direção ao norte, significando o domínio e a ocupação dos Persas frente à Babilônia, a terceira seguiu a segunda, sendo os gregos derrotando o império dos persas sob o domínio de Dario. A quarta carroça, composta por diversos cavalos, primeiramente se dirige ao Sul, retratando a conquista do Egito, que fica ao sul da Judéia, e depois os cavalos mais robustos pedem para passear por toda a terra. Vieira retrata esses últimos cavalos como os reinos que exploraram o mundo, que seriam os Espanhóis, e dentre os espanhóis, como os cavalos mais poderosos, os portugueses⁹⁸.

Quanto ao Quinto Império, se resumiria a um império de perfectibilidade terrestre e espiritual, que Vieira afirma vir com a ressurreição de D. João IV, o responsável pela independência de Portugal, que iria cobrir o mundo todo, resgatando todas as glórias de Portugal, e posteriormente viria a se transformar no paraíso com Cristo. Neste império, as tribos de Israel voltariam⁹⁹, os judeus aceitariam o verdadeiro Messias e poderiam voltar a realizar seus rituais¹⁰⁰, visto que o primeiro Messias terrestre já teria aparecido, e por isso não encontrariam problemas em aceitar a Cristo¹⁰¹! É muitíssimo provável que essa conclusão fascinante de Vieira sobre a relação entre o Messias, Cristo e o povo judeu veio após conversas com Menasseh, como veremos à frente no trabalho.

É importante ressaltar dois momentos deste Quinto Império vieirino. O primeiro é sobre ser um império terrestre, o que, segundo o próprio Vieira, “não admitem os Padres”¹⁰², visto que não seria comum ao pensamento cristão um mundo físico e carnal, que possa compartilhar a presença de Cristo ressurreto. Precisaria ser algo espiritual e purificado, sendo essa uma divergência muito clara no pensamento comum cristão – não milenarista – e judeu, em que o primeiro possui interpretações de um cunho mais espiritual e representativo, e o segundo olha de maneira mais objetiva e física.

⁹⁷ VIEIRA, 2015, p. 453.

⁹⁸ VIEIRA, 2015.

⁹⁹ SARAIVA, 1992.

¹⁰⁰ FRANCO, 2008.

¹⁰¹ REAL, 2008.

¹⁰² VIEIRA, 2015, p. 472.

O segundo momento, vinculado com a importância do Novo Mundo nestas conjunturas proféticas, que também será essencial para a obra de Menasseh, é a reaparição das 10 tribos de Israel. Como já citado brevemente, a primeira diáspora resultou no exílio das 10 tribos de Israel que se encontravam na divisão do reino do norte de Israel. Tanto para os milenaristas quanto para os judeus, a reaparição dos israelitas “perdidos” era essencial para o Quinto Império, fosse para sua vinda ou concretização.

e para que se não duvidasse quais e quantos haviam de ser estes fiéis e constantes defensores da fé contra o Anticristo, fazendo distinção o evangelista entre a nação dos judeus e todas as outras nações do mundo, diz que das doze tribos de Israel foram assinalados 144 mil, doze mil de cada tribo.” / “é também certo que os judeus, que hoje estão espalhados por todas as quatro partes do mundo, quando universalmente se converterem a Cristo, hão de ser restituídos às suas antigas terras da Palestina, porque não é possível nem inteligível que os exércitos de Gog e Magog hajam de fazer guerra a estes mesmos homens em estas mesmas terras, sem eles estarem nelas.¹⁰³

Vieira baseia – diferindo da leitura judaica que se utiliza do antigo testamento – sua crença sobre a volta das 10 tribos nas profecias encontradas no livro do *Apocalipse* – e em profetas –, onde ele repete que doze mil pessoas de cada tribo estão predestinadas à salvação, conseqüentemente as tribos precisariam surgir novamente, como foi melhor analisado em sua carta *Esperanças de Portugal*, que será a obra analisada a seguir.

Bandarra profetizou de El-rei D. João, as principais e de maior vulto são sete: 1.^a Que sairá do Reino com todo o poder dele, e navegará a Jerusalém. 2.^a Que desbaratará o Turco na passagem de Itália a Constantinopla. 3.^a Que o ferirá por sua própria mão, e que ele se lhe virá entregar. 4.^a Que ficará senhor da cidade e Império de Constantinopla, de que será coroado por Imperador. 5.^a Que tornará com dois pendões vitoriosos a seu reino. 6.^a Que introduzirá ao Pontífice e à fé de Cristo as dez tribos de Israel prodigiosamente aparecidas. 7.^a Que será instrumento da conversão e paz universal de todo o mundo, que é o último fim para que Deus o escolheu. E faltando a El-rei D. João por obrar todas estas cousas, e sendo certo que as há-de obrar, pois assim está profetizado, bem assentado parece que fica este segundo fundamento de nossa consequência.¹⁰⁴

Utilizando-se quase de maneira exclusiva das trovas de Bandarra, Vieira realizará um esquema de diálogo com as mesmas, mostrando o que cada uma queria dizer, revelando o que iria acontecer, como foi sumarizado pelo próprio Vieira na citação

¹⁰³ VIEIRA, 2015, p. 560.

¹⁰⁴ VIEIRA, 1925, p. 519-520 .

acima. Duas conclusões chamam mais a nossa atenção para o enfoque deste trabalho, o papel messiânico do “encoberto”, encarnado por D. João IV, e a questão das dez tribos de Israel.

Começemos por D. João IV: se repararmos nas datas, essa carta é escrita em 1659, e D. João IV faleceu em 1656, logo, a questão de como essas profecias podem se concretizar é erigida e respondida por Vieira.

Assim que, em quatro lugares conformes diz Bandarra expressamente, pelos mesmos termos com que costumam falar os profetas, e pelos mesmos com que profetizou David a ressurreição de Cristo, que El-rei D. João o IV há-de ressuscitar. Neste mesmo sentido falou com a mesma clareza S. Metódio(I), cujas palavras andam mui viciadas nos cartapácios dos sebastianistas, e eu as li na *Biblioteca antiga dos Santos Padres*, que está na livraria do Colégio de Santo Antão, e são desta maneira: *Expergiscetur tanquam a somno vini quem putabunt homines quasi mortuum et inutilem esse*. Fala o santo de um Príncipe que em tempos futuros há-de vencer e desbaratar o Império do Turco, e diz: «Acordará como de sono de vinho aquele que cuidavam os homens que como morto era inútil». Em dizer que acordará como de sono de vinho quer significar o valor e esforço indômito, a pressa, a resolução, a atividade extraordinária, com que El-rei depois de ressuscitado se aplicará às armas, aos aprestos, à guerra, e sobretudo à execução da vingança contra os seus inimigos e os de Cristo, tal que parecerá furor.¹⁰⁵

A ressurreição se apresenta como o único caminho possível para a realização das profecias, e para que não haja confusão, Vieira também deixa muito claro que o profetizado é D. João IV, e não D. Sebastião: “Este rei de quem tratamos chama-lhe Bandarra rei novo: e El-rei D. Sebastião é rei tão velho que nascido de três anos começou a ser rei. Este rei diz Bandarra que — *o seu nome é D. João*: e El-rei D. Sebastião tem outro nome tão diferente.”¹⁰⁶

Adentrando no quesito das 10 tribos de Israel, Vieira utilizará diversas trovas de Bandarra para exemplificar sua chegada. Através de personagens judaicos, sendo um deles um senhor, e outros dois que levam o nome de Dan e Efraim, Bandarra os faz representantes dessa vinda das tribos, como arautos, que se encontram com o rei de Portugal, chamado de Fernando, que por sua vez representa D. João IV, segundo Vieira¹⁰⁷.

¹⁰⁵ VIEIRA, 1925, p. 535-536.

¹⁰⁶ VIEIRA, 1925, p. 538.

¹⁰⁷ VIEIRA, 1925.

Efraim
Dizei, senhor, poderemos
Ao grão pastor falar?
E de aqui lhe prometemos
Ricas jóias que trazemos,
Se no-las quiser tomar.
Fernando
Judeus que lhe haveis de dar ?
Dan
Dar-lhe-emos grande tesouro,
Muita prata, muito ouro,
Que trazemos de além mar;
Far-me-eis grande mercê
De me dárdes vista dele.
Fernando
Entraí, judeus, se quereis,
Bem podeis falar com ele,
Que lá dentro o achareis.¹⁰⁸

Não declara o Bandarra o lugar em que isto há-de suceder, se em Jerusalém ou em Roma, quando lá for El-rei, ou se em Portugal, quando as tribos vierem. Mas em qualquer parte que suceda será esta uma das grandes maravilhas, ou a maior das maiores que nunca se viu nem ouviu no mundo. Assim o pondera o mesmo Bandarra, em uma das suas respostas em que torna a profetizar este aparecimento das tribos:¹⁰⁹

Antes destas cousas serem
Desta era que dizemos,
Mui grandes cousas veremos,
Quais não viram os que viverem,
Nem vimos, nem ouviremos:

Sairá o prisioneiro
Da nova gente que vem
Dessa tribo de Rubem,
Filho de Jacob primeiro
Com tudo o mais que tem.¹¹⁰

Misturando assim seus conceitos sebastianistas, joanistas e judaicos, Vieira nos conta através de questionamentos levantados por Bandarra, como a esperança e luta deve ser deste Portugal providencial: “Por ventura parirá a terra em um dia, ou nascerá uma nação inteira? Pois assim parirá Sião, e assim lhe nascerão os seus filhos!» As alegrias deste parto serão de Portugal, as dores também há quem diga de quem serão.”¹¹¹

Rememorando o recorte temático do meado do século XVII, onde essas obras foram publicadas, inspiradas e conceituadas, Vieira não finaliza apenas reafirmando

¹⁰⁸ VIEIRA, 1925, p. 512-513.

¹⁰⁹ VIEIRA, 1925, p. 513.

¹¹⁰ VIEIRA, 1925, p. 513-514.

¹¹¹ VIEIRA, 1925, p. 516.

suas conclusões, mas também atesta que muitos haveriam de presenciá-las, visto a brevidade deste “fim dos tempos”, a vinda do Quinto Império.

No efeito dos sucessos é certo e certíssimo que me não engano; no cômputo do tempo, de que não tenho tanta segurança, também presumo que me não hei de enganar. E se assim for, aparelhe-se o mundo para ver nestes dez anos fatais uma representação dos casos maiores e mais prodigiosos que desde seu princípio até hoje tem visto. Em Espanha verá o rei de Portugal ressuscitado, e Castela vencida e dominada pelos portugueses. Em Itália verá o Turco barbaramente vitorioso, e depois desbaratado e posto em fugida. Em Europa verá universal suspensão de armas entre todos os Príncipes cristãos, católicos e não católicos; verá ferver o mar e a terra em exércitos e em armadas contra o inimigo comum. Na África e na Ásia, e em parte da mesma Europa, verá o Império Otomano acabado, e El-rei de Portugal adorado Imperador de Constantinopla; Finalmente, com assombro de todas as gentes, verá aparecidas de repente as dez tribos de Israel, que há mais de dois mil anos desapareceram, reconhecendo por seu Deus e seu senhor a Jesus Cristo, em cuja morte não tiveram parte.¹¹²

¹¹² VIEIRA, 1925, p. 544-545.

CAPÍTULO 2

2.1 Menasseh ben Israel: Vida

Este subcapítulo seguirá nos mesmos moldes do feito sobre Vieira. Forneceremos uma visão geral e uma contextualização histórica no que tange a vida e obras – segundo nosso recorte – de Menasseh ben Israel (Manuel Dias Soeiro), iluminando e traçando o caminho para uma análise mais profunda e detalhada de sua obra.

Sendo a Inquisição o acontecimento histórico que acompanhou a vida de Menasseh, e a família o berço que o nutriu, voltemos nossa atenção para o seu pai que reúne ambos. Steven Nadler nos conta que o pai de Menasseh, Gaspar Rodrigues Nuñez, nutria uma relação passivo-agressiva com sua primeira mulher, Felipa Rodrigues, envolvendo inclusive agressões, e ameaças com uma espada. Quando Felipa Rodrigues é denunciada e capturada pela Inquisição em 1591, ela denuncia o seu próprio marido em contrapartida como judaizante, e não obstante, denuncia também seu sogro, Álvaro Rodrigues, que por sua vez, também foi denunciado por sua própria filha, ou seja, a irmã de Gaspar¹¹³.

Após ter sido debilitado pelas sessões de tortura, e ter tido suas propriedades confiscadas, Gaspar separa de Felipa Rodrigues, casa com Antónia Soeiro e se muda para Amsterdam¹¹⁴. Em meio a tanto sofrimento, nasce Menasseh, que desde jovem demonstra aptidão para os assuntos de cunho teológico. Aos 12 anos, entra para a Santa irmandade de Talmud e também “passaria a frequentar as Yeshivot ou Academias de estudo do Talmud, que eram naturalmente dirigidas para estudantes mais velhos.”¹¹⁵.

Sendo uma das figuras centrais da comunidade de Amsterdam, Menasseh escreveu livros traduzidos em pelo menos quatro idiomas ainda em vida, tendo a sua própria imprensa, e atuando – se não por título, por ações – como um diplomata¹¹⁶ durante o governo de Cromwell, em favor da comunidade e causa judaica, mantendo um diálogo aberto com diversos cristãos, como “John Dury, Henry Jessey and Nathaniel Homes, the Silesian Boehmist Abraham Von Franckenberg, the Portuguese Jesuit Antonio de Vieira, the Bohemian visionary Paul Felgenhauer, and the Amsterdam

¹¹³ NADLER, 2018.

¹¹⁴ NADLER, 2018.

¹¹⁵ FALBEL, 2008, p. 30.

¹¹⁶ KAPLAN, 2016 p. 329.

theologian Petrus Serrarius”,¹¹⁷ que possuíam um interesse crescente nas comunidades judaicas devido à vinda do milênio, ou mesmo do paraíso: “this momentous event was imminent, it would not happen until one very important and necessary condition was met: the conversion of the Jews”¹¹⁸.

Quanto a Menasseh, como parte do povo escolhido, o que o teria motivado a se envolver com os cristãos? Sabendo que entre as comunidades judaicas, como a de Amsterdam do século XVII, se envolver com quem perseguia os judeus em diversos países, não era bem visto, “o que gerou reprovação por parte dos judeus quanto à integridade doutrinária”¹¹⁹ de seus textos.

Precisamos então compreender qual era a motivação e o objetivo de Menasseh. Para isso, dividiremos sua “psique” em três tópicos: o conceito de Bacci: “forte identidade peninsular”¹²⁰, a questão político-social em que vivia – parte mais extensa e de maior significado –, mesclado com o que acreditava ter sido destinado a fazer: realizar a profecia de Isaías 11:12.

Começando pelos seus motivos religiosos, Menasseh e outros milenaristas, como Vieira, acreditavam em uma participação direta na vinda do Messias, como alguém que poderia acelerar as profecias. Isaías capítulo 11, versículo 12: “Ele erguerá um sinal para as nações e reunirá os banidos de Israel. Ajuntará os dispersos de Judá dos quatro cantos da terra.”¹²¹.

Para ocorrer a vinda do Messias, as 10 tribos perdidas precisariam reaparecer, e os judeus também precisariam estar dispersos por todo o globo, e se no primeiro caso, Menasseh poderia investigar – como veremos em sua obra –, no outro, poderia agir; por isso o objetivo de estabelecer um lugar pacífico para os judeus morarem na Inglaterra.

Menasseh was fully aware, of course, that the Jews were not in fact “scattered through all the corners of the world.” There was still at least one very important place where they were not living, at least officially. His London-based correspondents knew this as well, and they were concerned that until this situation changed, their longed-for Millennium would not arrive.¹²²

¹¹⁷ WALL, 1989, p. 164.

¹¹⁸ NADLER, 2018, p. 135.

¹¹⁹ FERNANDES, 2008, p. 17-18.

¹²⁰ BACCI, 2013, p. 15 apud ANDRADE, 2015, p. 16.

¹²¹ BÍBLIA DE JERUSALÉM, 2019, p. 1273.

¹²² NADLER, 2018, p. 143.

Sobre o conceito utilizado de Bacci, “identidade peninsular”, nos basta pensar na vida que os judeus sefarditas levaram ao longo de sua existência na Península Ibérica, principalmente a partir da Alta Idade Média e suas “fronteiras crepusculares”¹²³, até resultar na inquisição.

Sendo assim, neste imenso oceano cultural – península ibérica –, tendo momentos de maremotos, outros de calmarias, e algumas borrascas espalhadas ao longo dos séculos, os judeus flutuaram por todas essas tensões, ora estabelecendo trocas culturais e intelectuais em momentos mais “tranquilos”, ora mantendo uma comunidade unida e escondida, reforçando suas crenças em períodos mais obscuros, como a invasão dos almóadas no século X¹²⁴. Logo, “os judeus ibéricos aprenderam a forjar uma forte identidade peninsular”¹²⁵.

Esmiuçando ainda mais a ideia de “identidade peninsular”, nos é apropriado investigar a opinião dos mesmos sobre a península da qual foram expulsos. A regulamentação dessas comunidades, especificamente a de Amsterdam em 1644 e a de Hamburgo em 1658, proibia os judeus de voltarem para as chamadas “terras de idolatria”, mostrando em um primeiro momento, um rompimento com a sua “terra natal”. Mas sabemos que tal lei não era seguida rigorosamente, e que mesmo sob o risco de serem punidos, diversos judeus, principalmente mercadores, mantinham relações comerciais e familiares na península, visitando-a diversas vezes¹²⁶. Os próprios cultos nas sinagogas além de serem proferidos em castelhano, a partir de 1638 com a unificação das sinagogas em Amsterdam, eram proibidos para judeus asquenazes – não advindos da península ibérica. “Jews not of Sephardic background could not become members and were allowed to attend services only with special permission.”¹²⁷, sendo assim, existia uma manutenção, mesmo que feita com reservas, referente à identidade sefardita.

Yosef Kaplan resolve esta dualidade sobre ter uma relação cautelosa mas presente com a península ibérica de maneira precisa.

In general members of the Sephardic diaspora did not regard the Spain of their day as paradise; but a connection with it, and especially with

¹²³ FUENTES, 2001.

¹²⁴ SOUSA, 2009.

¹²⁵ BACCI, 2013, p. 15 apud ANDRADE, 2015 p. 16.

¹²⁶ MUHANA, 2017.

¹²⁷ NADLER, 2018, p. 94.

Iberian culture, literature and thought, occupied a prominent place in their world and a central place in their reading.¹²⁸

Formando assim uma comunidade centrada em si, com conexões permanentes com a península ibérica, consideravelmente mais branda e aberta a novas ideias, quando comparada aos judeus asquenazes, devido às constantes trocas de conhecimento e cultura em sua “história ibérica”, e conseqüentemente, mais “ansiosa” pela vinda do Messias, pois se encontrava em uma situação de exílio.

Sendo Menasseh um homem de seu tempo, suas esperanças em um futuro melhor no Quinto Império não partiram de si para o mundo, mas do mundo – seu contexto histórico – para si, fosse esse mundo protestante, católico, judeu, oriental ou ocidental. Como Miguel Real bem diz sobre Vieira, não podemos conjecturar esses homens sem sua visão de mundo, onde suas realidades, e a história, apenas poderiam ser lidos através de uma visão religiosa, pautada na bíblia, talmude, cabala, etc¹²⁹, sendo assim:

questions in the face of the institutional crises and rearrangements in European monarchies. However, they looked toward a horizon of expectations in which sovereignty would eventually be established. It would be, *de facto* and *de jure*, absolute¹³⁰

Por esse fato as visões de mundo variavam e coincidiam tanto, pois cada um possuía um “espaço de experiência” diferente, visto que a etnia e a nacionalidade mudariam completamente a interpretação que seria realizada das profecias, que serviam de “horizontes de expectativas”. Ou seja, tendo as mesmas profecias como base para uma interpretação do futuro, as interpretações cabiam em um mesmo escopo, mas tendo sonhos diferentes para cada povo e religião frente às adversidades vividas. As conjecturas sobre como e onde essas profecias iriam se desdobrar divergiam – o que não impedia trocas intelectuais entre todos.

Todas essas concepções de Quinto Império, entretanto, eram mais do que “delusional visions, some of these resulted in theoretical-ideological proposals and justifications for power, guiding concrete actions and political activism at times”¹³¹. Basta pensarmos no caso de Vieira e Menasseh, onde Menasseh enviou uma carta ao rei D. João IV sobre como os judeus deveriam ser aceitos de volta em Portugal. A carta muito provavelmente alcançou Vieira que, por sua vez, “might have added some points

¹²⁸ KAPLAN, 2016, p. 321.

¹²⁹ REAL, 2008.

¹³⁰ LIMA, 2016, p. 396.

¹³¹ LIMA, 2016, p. 366.

to his pleas to John IV”¹³². Passando a década de 1640 escrevendo para D. João IV a respeito da volta dos judeus sefarditas, e de uma redução na atuação da Inquisição, que ele conseguiu em partes no ano de 1648¹³³.

Tendo justificado a importância central dos “espaços de experiências” no século XVII, adentremos no quesito político-social das comunidades judaicas na Europa. Desde o renascimento elas possuíam uma vida delicada, onde a cada virada de poder poderiam ser perseguidas nos países em que habitavam, sendo obrigadas a se refugiarem em outras nações, e é isto que Menasseh busca melhorar, em casos como a Inglaterra de Cromwell, tentando mostrar a importância da uma comunidade judaica presente, e mesmo em Amsterdam, validando e justificando a presença dos mesmos. “Menasseh also saw these dialogues with relatively well-disposed Christians as an occasion for building good will toward the Jewish people.”¹³⁴.

Daí o esforço pessoal de levar essa cultura aos gentios não somente como um passo para o entendimento mútuo e a via para libertar o mundo de preconceitos em relação ao povo de Israel, mas para adicionar os seus valores humanos e éticos à comunidade universal.¹³⁵

Continuando a contextualização, e focando agora no período onde esses projetos de futuro foram desenvolvidos, divulgados e “colocados em prática”, esse período que apareceu constantemente ao longo do texto, o meado do século XVII, mais especificamente as décadas de 40 e 50, visto que Menasseh escreveu em 1650 *Esperança de Israel*, e em 1655, *Piedra Gloriosa*, e Vieira escreveu em 1659 *Esperanças de Portugal*, começou a escrever em 1649 *História do Futuro*, e ambos se encontraram na década de 40.

Since the 1640s in various Jewish and Christian circles a deep hope had sprung up that great events would occur in the near future. Lurianic kabbalah, which became a dominant factor in Jewish life about 1630-1640, created a fertile soil for messianic expectations. It was believed that the final redemption was at hand. The hope for *tikkun*, restoration, was widespread. Similarly, Christian millenarianism flourished around the middle of the seventeenth century, also expecting the messianic age to be imminent. Christ’s second coming was at hand, the Jews would be converted to Christianity, and Babylon would receive its judgment¹³⁶.

¹³² LIMA, 2016, p. 374.

¹³³ LIMA, 2016.

¹³⁴ NADLER, 2018, p. 137.

¹³⁵ FALBEL, 2008, p. 31.

¹³⁶ WALL, 1989, p. 173-174.

Durante a década de 1640, Menasseh passará por uma transformação de pensamento sobre onde depositar suas esperanças, inicialmente em Portugal – sua terra natal –, e uma possível redenção dos judeus nesse mesmo país; o que se mostrou infrutífero, pois não apenas D. João IV revelou-se um rei extremamente relutante em aceitar os judeus sefarditas de volta, como também não desejava enfrentar a Inquisição; em 1654 D. João IV reconquistou Recife do domínio holandês, esfacelando os investimentos que Menasseh nutria no Brasil em decorrência das relações diplomáticas entre os dois países que já andavam frágeis¹³⁷. Logo sua “bússola” do Quinto Império passou a apontar para a Inglaterra de Oliver Cromwell. Mesmo sabendo como os “Jews were historically treated by English monarchs, going back to Edward I’s edict of expulsion in 1290.”¹³⁸, a Inglaterra se mostrava um país mais aberto a recebê-los, como de fato foi, visto que Menasseh obteve a atenção e certo favor do próprio Cromwell, mas apesar disso, nosso caro rabino não sobreviveu para ver a volta dos judeus à Inglaterra, morrendo em 1657¹³⁹.

He said, with reference to the verse from Deuteronomy (“God will scatter you among all the peoples from one end of the earth even unto the other” [28:64]), that “I conceived that by the *end of the earth* might be understood this *Island*,” meaning the British isle. The biblical text says that the Jews will be scattered to *ketzeh ha’aretz*, the corner or angle of the earth. And in medieval Jewish writings, that is the Hebrew term used for “Angleterre,” “Angle-land”—that is, England. The Torah itself, then, proclaims that until the Jews are in England, the Messiah’s arrival will be on hold.¹⁴⁰

Como todas essas conjecturas e textos de Menasseh tiveram como “berço” Amsterdam, não podemos ignorar que a mesma cidade influenciou-o de certo modo, visto o fértil crescimento de teologias, filosofias e literaturas judaicas nessa cidade, tendo como representantes Daniel Levi de Barrios, Uriel da Costa, Baruch Spinoza e Juan de Prado¹⁴¹.

Amsterdam se tornou uma cidade proeminente a partir da queda do porto de Antuérpia, tomado pelos espanhóis em 1576, abrindo espaço para o seu protagonismo no mundo do comércio, tornando-se um dos maiores centros econômicos na Europa¹⁴².

¹³⁷ NADLER, 2018.

¹³⁸ NADLER, 2018, p. 164.

¹³⁹ NADLER, 2018.

¹⁴⁰ NADLER, 2018, p. 168.

¹⁴¹ NOVINSKY, 2015.

¹⁴² NETO, 2021.

Ao desembarcar na Holanda, em 18 de abril de 1646, o padre Antônio Vieira ficou impressionado com aquela “pátria de anfíbios”. Em meio aos tantos canais, diques, aterros, rios, pontes e ancoradouros, constatou que a população local levava uma existência repartida entre a água e a terra firme: “e os homens, a quem podemos chamar marinhos e terrestres, tanto vivem em um elemento como no outro”, definiu. Causou-lhe estranheza o trânsito de embarcações pelas principais vias de Amsterdam: “As suas ruas por uma parte se andam, e por outra se navegam”. Os mastros dos barcos furando os céus confundiam-se com as hastes embandeiradas das torres dos prédios. “Em muitas partes toma o navio porto à porta do seu dono, amarrando-se a ela, e deste modo vem a casa ser a âncora do navio, e o navio metade da casa, de que igualmente usam.”¹⁴³

No que diz respeito às ideias de modo geral que circularam por Amsterdam, pólo também intelectual, Luís Filipe Silvério Lima resume precisamente:

First, we have to consider the points of contact between those worlds, usually harbors and commercial cities, and in particular Amsterdam. There are several hypotheses and studies that try to explain the role of seventeenth century Amsterdam in the reception and diffusion of religious ideas. It is enough to recognize that in Amsterdam, although within legal limits and an evident and clear hierarchy fiercely defended by the Calvinist Reformed Church, Protestants from various denominations coexisted, “New Jews” were allowed to express their faith, and, on a smaller scale, even Catholics were tolerated (as long as they were discreet). Amsterdam therefore functioned as a convergent hub of millenarian ideas, and, even more importantly, the arrival of news about the signs that would announce the end of the world. Although the Dutch harbor was an exchange point where one could find out about novelties from every corner (and from every religion)¹⁴⁴

Façamos apenas uma ressalva quanto à liberdade religiosa em Amsterdam, pois o catolicismo era consideravelmente mais complicado de ser praticado quando comparado ao judaísmo, basta trazer o caso citado por Steven Nadler, onde uma celebração judaica proferida em castelhano foi interrompida e invadida pela polícia, após uma denúncia sobre um culto católico no mesmo lugar¹⁴⁵.

De 1610 a 1700, observamos uma crescente judaica na população de Amsterdam, tendo em 1610, 350 habitantes, e em 1700, 3.000, isto judeus sefarditas, já os asquenazes vão de 350 para 6.200, no mesmo período¹⁴⁶. Com esse crescimento vertiginoso da população judaica, as questões políticas da Holanda ao longo do século XVII foram essenciais para suas vidas, tendo a disputa entre arminianos e calvinistas

¹⁴³ NETO, 2021, p. 246.

¹⁴⁴ LIMA, 2016, p. 397.

¹⁴⁵ NADLER, 2018.

¹⁴⁶ NOVINSKY, 2015.

sido o “palco principal” de onde a maioria dos desdobramentos viria no que diz respeito à liberdade e cidadania.

Enquanto os calvinistas governavam, a vida dos judeus nos Países Baixos era repleta de incertezas e inseguranças, pois, mesmo com a independência de que as cidades gozavam, uma unificação liderada pelos calvinistas era sempre um risco, o que mudou drasticamente em 1650.

Unfortunately for the Orangist camp, Willem died of smallpox in November 1650. Whatever changes he had tried to impose in Holland did not take root, and by the end of the year Amsterdam and other towns were back in the hands of the regents and their Arminian ecclesiastic allies. Thus began what would end up being a twenty-two year period without a Stadholder, the so-called Era of True Freedom. Political Power devolved to the provinces, and by 1653 de facto leadership of the Republic at-large would fall to Johan de Witt, the liberal pensionary of the States of Holland¹⁴⁷

A partir dessa mudança de poder e conseqüentemente de maior liberdade, “Em 1651, o rabino Menassés ben Israel, chefe da comunidade judaica, recebeu uma autorização do Conselho Eclesiástico de Amsterdã para publicar seus textos em outros idiomas, além do holandês.”¹⁴⁸

As “grandes descobertas” também estão presentes nas obras de Menasseh, sendo o livro *Esperança de Israel* baseado inteiramente nelas. E o que lhe serviu de estopim foi o assunto das Dez Tribos perdidas de Israel. O livro busca compreender o movimento migratório dessas tribos, e os relatos de encontros com as mesmas, sendo o maior deles o de Montezinos.

This atmosphere of expectation was clearly reflected in the debate about the Lost Ten Tribes of Israel that came to life again during this period among both Jews and non-Jews. The legendary issue of the Lost Ten Tribes of Israel – which (in 722. B.C.) had been carried away by King Salmanasser and had never returned, believed to be staying in some secret places in the world – received renewed interest by the well-known story of Antonio de Montezinos. In 1644 Montezinos came to Amsterdam to inform the Jews, testifying under oath before Rabbi Menasseh ben Israel “and divers other chiefe men of the Portugal Nation”, of his discovery of a remnant of the Lost Ten Tribes in South America. Simultaneously other reports about the appearance of the Ten Tribes reached Jews and Christians, all this creating an atmosphere of excitement.¹⁴⁹

¹⁴⁷ NADLER, 2018, p. 145.

¹⁴⁸ NOVINSKY, 2015, p. 67.

¹⁴⁹ WALL, 1989, p. 174.

O paradeiro das dez tribos espalhadas durante a diáspora em 721 a.C.¹⁵⁰ se tornou o foco de todo o movimento messiânico judaico ou milenarista a partir de meados da década de 1640 e 1650, pois em ambas as crenças se faz necessário que as tribos sejam encontradas. Apesar dessas tribos serem um personagem importantíssimo desse período estudado – que perpassa e une tudo o que foi apresentado –, não tiveram seu início nele.

Desde o século XVI já existiam diversos sábios advindos da Europa que cogitavam a origem dos indígenas ligada às raízes judaicas¹⁵¹, ou seja, às tribos perdidas de Israel, contando com a “descoberta de judeus negros no reino da Etiópia pelos portugueses.”¹⁵² Somando esta crença já permeada no imaginário judaico sefardita, com a expulsão sofrida no século XV da própria península ibérica, “Os judeus peninsulares encontravam-se abertos, perante tanto sofrimento, à noção de uma mudança escatológica para melhor, para uma nova sociedade onde o judaísmo seria a religião dominante e universal.”¹⁵³

Essa é a conjuntura com que Antonio de Montezinos se depara ao chegar em Amsterdam, e ao relatar seu encontro, *Relación*, em 1644, com uma das tribos perdidas – Rúben –, onde seria hoje a Colômbia, de 1639 a 1644, na própria sinagoga da cidade, causando um certo rebuliço na comunidade, com sua narração transcrita por ninguém menos que o próprio Menasseh ben Israel.

Concluindo essa abordagem da vida de Menasseh, observe-se que ele reunirá em si essas três questões: seu passado sefardita e principalmente a situação sócio-política em que vivia como “espaços de experiência”, para planejar e buscar um futuro melhor, a partir de uma renovada interpretação de diversas profecias, como seu “horizonte de expectativas”.

¹⁵⁰ FERNANDES, 2008.

¹⁵¹ VAINFAS, 2011.

¹⁵² TAVARES, 1991, p. 143.

¹⁵³ TAVARES, 1991, p. 141.

2.2 Menasseh ben Israel: Obras

Miqveh Israel, ou seja, *Esperança de Israel*, será a primeira obra de Menasseh a ser analisada detalhadamente. Antes de adentrarmos a obra, é necessário tecermos alguns comentários sobre a mesma para que possa ser melhor compreendida.

O tratado *Esperança de Israel* foi organizado por Menasseh em torno de 72 argumentos centrais – número equivalente a quantidade de sequências de três letras hebraicas que conectam as manifestações de Deus segundo os ensinamentos da cabala. A estrutura, por si só, deixava patente a orientação mística do livro. Escrito originalmente em espanhol, o texto seria traduzido para o latim e para o inglês, ampliando o alcance e a repercussão internacional da obra, destinada a se tornar a mais célebre entre todas as saídas de sua pena.¹⁵⁴

O relato de Montezinos está transcrito na abertura do livro como a narrativa mais fidedigna e importante dentre todas as outras que têm como tema a presença das tribos perdidas. Especificamente sobre esse relato, é importante manter em mente que a “autobiografia” no século XVII, totalmente diferente do que conhecemos hoje como algo egocêntrico, é um meio para um fim, existe uma mensagem que se deseja passar, e é explícita para quem foi preferencialmente escrito, os judeus sefarditas, seu público-alvo¹⁵⁵.

O livro foi escrito em castelhano e traduzido para o latim, pois em verdade possuía dois públicos-alvos diferentes, judeus e gentios, sendo a versão em latim mais simples, com conclusões contundentes, diretas, gerais, com menos nuances e focadas em responder questões de ingleses milenaristas¹⁵⁶. Quanto à versão em espanhol, é mais definitiva e destinada aos judeus sefarditas. Como nosso objetivo é encontrar alguma influência milenarista ou vieirina na obra de Menasseh, a leitura em espanhol foi obrigatória, pois exprime de maneira menos enviesada o que Menasseh acreditava. Quanto ao relato de Montezinos, a leitura foi feita na versão em castelhano, e pela análise e descrição de Ronnie Perelis, historiador especializado no tema, que também foi escolhida para exemplificar o relato. Por isso a primeira parte das citações se encontram em inglês.

Esperança was to provide some relief for Iberian Jews' messianic faith, once fed by the economic success of the “New Jews” mercantile networks, but now affected by the discouraging news coming from both Dutch Brazil and Lisbon. On the other hand, Spes was to explore

¹⁵⁴ NETO, 2021, p. 232.

¹⁵⁵ PERELIS, 2008.

¹⁵⁶ WALL, 1989.

English Protestants' millenarianist fervor, as well as a broad "philo-semitic" climate in the Dutch and British Christian circles, in order to stimulate the debate about the official readmission of Jews in England.¹⁵⁷

O título do livro é baseado no capítulo quatorze, versículo oito do profeta Jeremias¹⁵⁸: “Esperança de Israel, Iahweh, seu salvador no tempo de desgraça”¹⁵⁹, que revela o objetivo do livro para os judeus espalhados pelo mundo, pois o Quinto Império estava próximo e as tribos estavam se revelando, logo, com a chegada do Messias, o sofrimento haveria de findar.

Apesar do livro trazer diversos relatos sobre a presença de judeus ao redor do mundo, apenas os de maior relevância para o pensamento de Menasseh serão analisados, dando uma atenção especial para o relato de Montezinos, como o próprio Menasseh o fez.

Sobre todo a lo que doy mas crédito, es, la relación de nuestro Montezinos, Portugués de nación, ludio de religión, nacido en una ciudad de Portugal llamada Villaflor, de padres conocidos y honrados, de edad de 40. años, hombre de bien, y fuera de toda ambición.¹⁶⁰

Yo mismo hablé con el, en el discurso de seys meses que aqui estuvo, em mi presencia y de muchas personas de calidad, juro solemnemente, que todo lo que dezia era verdad. Después se fue a Parnanbuco, donde vivió dos años, y murió haziendo el mismo juramento a la hora de su muerte.¹⁶¹

Montezinos em sua viagem para o Novo Mundo é guiado pelos indígenas do local, que contam certas histórias misteriosas para ele, que por sua vez as ignora em um primeiro momento. Depois, em uma ocasião perigosa, os mesmos indígenas reclamam sobre como sofrem e são oprimidos injustamente pelos espanhóis, mas Montezinos, vendo-se como superior a eles, “was unable to see the indians as anything other than what they appeared to be: a generic group of “*indios*” complaining about their poor lot in history.”¹⁶².

Após se separar dos seus guias, Montezinos é pego pela inquisição sob suspeita de ser judaizante, e, em sua prisão, começa a recitar uma canção litúrgica, na qual dá graças por não ser pagão ou escravo, e, acrescentando outras etnias, se diz grato por não

¹⁵⁷ LIMA, 2016, p. 382.

¹⁵⁸ NADLER, 2018.

¹⁵⁹ BÍBLIA DE JERUSALÉM, 2019, p. 1391.

¹⁶⁰ ISRAEL, 1881, p. 41.

¹⁶¹ ISRAEL, 1881, p. 42.

¹⁶² PERELIS, 2008, p. 205.

ser como os indígenas, quando então acontece sua epifania de que talvez aqueles indígenas pudessem ser judeus¹⁶³.

Este pensamento de Montezinos demonstra algo muito curioso, visto que os judeus, de modo geral, sempre foram um povo fechado em si, não aceitavam ou não queriam ser assimilados por outros, pois já eram o “melhor” que poderiam ser, eram escolhidos. Com esse acréscimo étnico de Montezinos na canção – oração –, é dificultoso afirmarmos que esta canção não era só conhecida por ele, mas possuía uma certa popularidade entre outros judeus. Ou como o relato possuía um objetivo, um ponto a chegar, ele forjou para criar uma narrativa coesa. Possivelmente, devem ser as duas questões unidas, pois Montezinos era fruto de seu tempo, então, é possível imaginar este preconceito, mas somado à vontade de encontrar as tribos, como algo latente na sociedade judaica sefardita, e por isso também presente em seu texto.

Montezinos passa então a refletir profundamente sobre os índios que encontrou, relembra de alguns mistérios proferidos por eles, de um povo escondido que deixou passar despercebido, também repara na própria condição deles, e em como é semelhante com a dos próprios judeus sefarditas. “The indians became a mirror to his own desperate situation: they were both oppressed by the Spanish, they both hid an alternative identity, and they were both awaiting a this-worldly redemption.”¹⁶⁴.

“Caindo em si”, ao ser solto pela inquisição, volta para encontrar seus guias, especificamente Francisco, para satisfazer sua curiosidade sobre seus pensamentos e realizações quando no cárcere. Ao encontrá-lo, em um primeiro momento, acontece uma espécie de resistência por parte de Francisco, que testa Montezinos e seus conhecimentos sobre preces judaicas, para confirmar se ele era realmente judeu¹⁶⁵. Estabelecida a confiança, o guia concorda em levar Montezinos para conhecer este povo escondido, a tribo de Rúben, mas com um porém: para ele alcançar a tribo, e ela se apresentar a ele, Montezinos precisa se tornar como um seu “Indian brother”¹⁶⁶, sendo assim, precisa ir a pé, sem servos ou mulas, precisa se alimentar das comidas indígenas, se despir de seu papel como conquistador, ou seja, da sua capa, espada, e confiar plenamente em Francisco no caminho¹⁶⁷.

¹⁶³ PERELIS, 2008, p. 204.

¹⁶⁴ PERELIS, 2008, p. 205.

¹⁶⁵ PERELIS, 2014.

¹⁶⁶ PERELIS, 2008, p. 207.

¹⁶⁷ PERELIS, 2008.

Durante o caminho, Francisco conta sobre como “the Children of Israel”¹⁶⁸ chegaram nestas terras com um poderio imenso através de milagres, e que seu povo – a tribo indígena que habitava o lugar em que a tribo de Rúben passou a viver – travou uma guerra contra eles, sendo tratado de uma maneira pior do que os espanhóis o tratavam, humilhado e por fim derrotado. Assim, após um apaziguamento, passaram a ser escolhidos dentre os índios aqueles que saberiam o paradeiro da tribo, e manteriam relações com ela. Logo, Francisco e sua tribo não eram judeus de nascença, eles foram convertidos!¹⁶⁹

Ao se encontrar com a Tribo de Rúben, Montezinos percebe que não falam a língua dele, e também proibiam Francisco de traduzir, pois o próprio Montezinos deveria aprender a maneira com que eles contam sua história, e como, pois não se comunicavam apenas com palavras, mas também com gestos¹⁷⁰.

the story Montezinos was trying to reconstruct is completed when, and only when, he finally hears its end. His new role as emissary to the Jews from their long-lost American brethren inscribes him into the very story he was trying so hard to follow.¹⁷¹

No geral, praticamente todos os relatos que Menasseh escolheu colocar no papel possuem detalhes em comum. Primeiro, a necessidade de atestar a confiança e fidedignidade de quem relatou o ocorrido: “Bergara hombre fidedigno y conocido mió, me contó assi mismo”¹⁷². Segundo, é o fato dessas tribos estarem escondidas propositalmente, ou seja, não será possível encontrar novamente, em todos os relatos, os judeus que foram vistos, seja porque se ocultaram na natureza e em regiões montanhosas – “retirarse a lo mas interior, y oculto de aquellas regiones, por permission divina: para que se cumpliesse la Prophecia de Moseh, *haré cessar de los hombres su memória*”¹⁷³ –, ou porque o guia morreu, como no relato que se passa em Pernambuco: “cinco de los dichos Tabajares, aviendose muerto dellos tres en el camino”¹⁷⁴, deixando sempre claro o cumprimento da profecia de Moisés sobre o exílio do povo judeu. “Deuteronomio cap. 32. Arrinconarlos he, hare cessar de varon su memoria. Esto es,

¹⁶⁸ PERELIS, 2008, p. 209.

¹⁶⁹ PERELIS, 2008.

¹⁷⁰ PERELIS, 2014.

¹⁷¹ PERELIS, 2014, p. 26.

¹⁷² ISRAEL, 1881, p. 34.

¹⁷³ ISRAEL, 1881, p. 24.

¹⁷⁴ ISRAEL, 1881, p. 36.

echarlos he en los rincones y extremos de todas las provincias, con que se perderá totalmente la memoria dellos”¹⁷⁵.

Menasseh também se apoiou em um livro apócrifo, Esdras 4 – “El fundamento primero desta opinión procede del lib4. de Esdras, el qual aun que sea Apochryfo, citamos como author antiguo.”¹⁷⁶ –, para defender a travessia das tribos exiladas durante o reinado de Salmanassar pelo rio Eufrates, que teve sua correnteza parada por Deus, e que depois, traçando um paralelo com outro rio chamado de “Sabático”, sempre pararia aos sábados, o único dia em que os judeus não poderiam sair, e por isso se mantinham escondidos, ou presos¹⁷⁷.

Apesar do fascínio com a narrativa, o que chama a atenção é a escolha de Menasseh em Esdras 4, um apócrifo que passou a ser discutido se entraria no cânone ou não a partir do descobrimento do novo mundo, pois fornecia interpretações favoráveis sobre os judeus serem índios; pensamento esse que apareceu pela primeira vez na data de 1540, em um escrito do Doctor Roldán¹⁷⁸, que dizia:

los índios practicarían la circuncisión, abluciones diarias, el no tocar a los muertos, repudiar a las esposas, y los caciques serían polígamos como los patriarcas del Antigo Testamento. Además, los Indios tienen otras costumbres específicas, resultado de Haber caído em la idolatria, como sacrificar niños a los ídolos, sacrificar en montes, bosques y bajo árboles, o ser caníbales.¹⁷⁹

Enquanto Menasseh diz:

Fauorece juntamente esta opinion, ver tan semejantes las leyes de los Israelitas, y las de los Indios: por que comparando algunas de los indios com las de los Israelitas, hallaremos, se parecen en muchas cosas, de donde inferiremos fácilmente, que los índios las tomaron del tiempo que habitaron entre ellos, o de algunos que quedaron después de ocultos en las montañas. Los indios pues de Iucatan y Acuzamil, se circuncidavan. Los Totones y los Mexicanos hazian lo mismo, como testifica Román y Gomara en La historia general de las Indias. Rompen sus vestidos, como los Hebreos, por alguna infausta nueva, ó muerte; por lo cual refiere Gregorio García en la Monarchia de los Ingas del Pirú, que sabiendo Guainacapac, que su hijo Atagualpa, venia huyendo del campo enemigo, rompió los vestidos. De los Mexicanos y Totones se escribe, que guardaban eternamente fuego en sus altares, según lo que Dios manda en el Levitico, y lo mismo hazian los Peruanos en los Templos del Sol. Los de la Provincia de Nicaragua

¹⁷⁵ ISRAEL, 1881, p. 76.

¹⁷⁶ ISRAEL, 1881, p. 24.

¹⁷⁷ ISRAEL, 1881.

¹⁷⁸ MARTÍNEZ, 2011.

¹⁷⁹ MARTÍNEZ, 2011, pg 45.

prohibían la entrada de sus Templos, a las mugeres rezien paridas, hasta que se purificassen.¹⁸⁰

Apesar de Roldán não ter sido publicado, ele influenciou diversos pensadores no quesito judaico dos indígenas, tendo o próprio Menasseh, muito provavelmente, sido influenciado de alguma maneira por esse pensador cristão, como demonstram as similaridades das interpretações. Dito isso, Menasseh discorda do mesmo em um ponto importante, pois não afirmava que os índios eram judeus, e sim que eles tiveram contato com as tribos perdidas que são predecessoras dos próprios indígenas.

Antes de adentrar na volta e redenção das tribos, que serão trabalhadas melhor em “*Piedra Gloriosa*”, Menasseh faz um apanhado geral sobre em quais pontos os judeus se encontram pelo globo e, conseqüentemente, de onde serão reunidos para o Quinto Império, “en el fin de los dias.”¹⁸¹.

Según lo que hasta agora avernos escrito, los avernos colocado, en las Indias Occidentales; en la China, en los confines de Tartaria; de la otra parte del río Sabation; y del Euphrates en la Media; y en la Ethiopia confines de los Abissines. De todos pues estos lugares parece que habla el Propheta Esayas, cap. II, donde tratando de la venida del Messias, dize, y sera en el día el esse, añadirá el Señor segunda vez, para adquerir al resto de su pueblo, que restará de Assiria, y de Egipto, y de Pairo y de Ethiopia, y Elam, y de Siniar, y Hamat, y de las islas del Occidente. Asyria, y Egipto, son las dos Provincias donde todos los doze tribos, se juntaran , en el tiempo de la redención, futura, de que a delante hablaremos.¹⁸²

Segundo Menasseh, a vinda da quinta monarquia estava muito próxima, não apenas pelo cumprimento das profecias que referiam as 10 Tribos de Israel reaparecendo, e dos judeus espalhados pelo mundo todo com o descobrimento de novos continentes, mas que também estavam cumprindo as profecias referentes ao sofrimento, encontradas em Deuteronômio, tendo como foco os exílios que passaram ao longo da Idade Média para a Idade Moderna¹⁸³.

Se por um lado sofriam por merecer, por outro, todos aqueles responsáveis por suas “desgraças” seriam castigados de acordo com a vingança de Deus.

Finalmente, Moseh dize en el ultimo canto, que el Señor ha de vengar la sangre de su pueblo derramado , y por Jeremías, capitulo 2. *Santidad Israel a .A. principio de su renuevo, todos sus comientes*

¹⁸⁰ ISRAEL, 1881, p. 27-28.

¹⁸¹ ISRAEL, 1881, p. 94.

¹⁸² ISRAEL, 1881, p. 79-80.

¹⁸³ ISRAEL, 1881.

seran culpados, mal vendra a ellos, dicho de .A. Esto se ha bien experimentado, desde Nebuchadnesar hasta el tiempo presente. Que estabilidad tuvieron las Monarchias dessos grandes monarchas? Veasse despues la infelix muerte de Antiocho, de Pompeo, de Sisibuto, de Phelipe Rey de Francia, de Alonso hijo de don Ioan segundo, y como a la quarta generacion, recibieron su pena, quando el rey don Sebastian, con toda la flor del Reyno, perecio en aquella batalla de Africa, en aquel mismo Alcaçar donde mandó echar a los aflitos Hebreos: y aun a otros Reynos castigó Dios con pestilencias, e imemensas calamidades. Grandes perseguidores fueron nuestros, Fernando y Izabella. Veasse el fin que tuvieron, ella muriendo como murio, el perseguido de su yerno, y de sus mismos vasallos. El hijo unico que tuvo, desposado de 17. años, enel primero de sus bodas, malogrado, sin quedarle generacion: la hija em que librava las esperanças de sucession, la que heredó el reyno, y el odio, pues no quiso casar con el Rey Himmanuel, sin que nos desterrasse, o forçasse a su religion, de parto murio en Saragoça: y el hijo que deste parto nació, en que tenian puesto sus esperanças los del reyno de Castilla, Aragon, y Portugal, de 18. meses, murio, conque se extinguió de todo la sucession Española, por linea masculina.¹⁸⁴

Este excerto também demonstra outro motivo para repensar a questão original deste trabalho, sobre uma influência sebástica na obra de Menasseh, pois vemos que o próprio tem D. Sebastião como um rei devidamente castigado por Deus de acordo com seus atos frente aos judeus sefarditas.

Por fim, Menasseh chega às seguintes conclusões para finalizar a obra: as Índias Ocidentais foram primeiramente habitadas pelas tribos perdidas; que elas não estão concentradas apenas nas Américas, mas em diversos lugares do mundo, como a China; que as mesmas tribos não reapareceram no período do segundo templo; que as tribos perdidas ainda conservam seus ritos e a religião judaica, que voltarão a Israel com o auxílio de Deus; e, por fim, as 12 tribos estarão unidas sob a figura do Messias em Israel, de maneira territorial, para sempre¹⁸⁵.

É importante levar em consideração que o relato de Montezinos, apesar de ter causado certo alarde na comunidade de Amsterdam, após um tempo, não foi levado a sério por uma boa parte da mesma¹⁸⁶. Mas isto não afeta a pesquisa diretamente, pois o interesse está no imaginário destes judeus sefarditas e dos milenaristas – no fértil período messiânico das décadas de 1640 e 1650 –, e as tribos estavam definitivamente presentes nele, e a velocidade com que o relato de Montezinos se espalhou apenas comprova isso. Mesmo com o relato tendo uma vida útil relativamente curta – pois foi

¹⁸⁴ ISRAEL, 1881, p. 108-109.

¹⁸⁵ ISRAEL, 1881.

¹⁸⁶ PERELIS, 2014.

considerado demasiadamente fantasioso em um segundo momento –, o livro de Menasseh se perpetuou no imaginário europeu e americano do século XVII¹⁸⁷, com uma repercussão imensa tanto entre judeus como entre cristãos, e com esse relato como uma peça essencial para este tratado sobre a origem dos americanos. “Menasseh uses the *Relación* as the central proof text for his own theories regarding the origin of the American Indians and the signs pointing to an imminent messianic redemption.”¹⁸⁸

Podemos concluir sobre o livro *Esperança de Israel*, a importância e relevância das grandes descobertas para o imaginário apocalíptico do período, revelando novos ambientes ermos e misteriosos que guardam em si as profecias e suas revelações para o Quinto Império através de relatos “fantasiosos” e míticos, vistos de maneira tão plausível e possível por seus leitores e por Menasseh devido a um imaginário comum, derivado do milenarismo em união com o messianismo judaico do período.

Piedra gloriosa o de la estatua de Nebuchadnesar é a obra responsável pela “arquitetura” do Quinto Império de Menasseh. Como vimos, o primeiro livro foi responsável por explorar o papel da descoberta de novos continentes na visão escatológica de Menasseh e, conseqüentemente, da comunidade judaica sefardita – como veremos na conclusão. Este tem como propósito encontrar e interpretar as passagens bíblicas que dizem respeito ao império por vir.

Menasseh interpreta os quatro impérios descritos nos dois sonhos de Daniel da mesma maneira que Vieira, e tantos outros pensadores de seu período, “Babilonios, Persas, Griegos, y Romanos.”¹⁸⁹. Mas ele levanta a questão de como impérios tão poderosos como “los Assirios, Medos, Parthos, Scythas, Tartaros y Chineses”¹⁹⁰ poderiam ter sido deixados de lado por Daniel. Respondendo a si, Menasseh afirma que a profecia não diz respeito aos impérios em si, mas aos impérios que oprimiram e oprimiam os judeus¹⁹¹.

No esquema proposto por Daniel na estátua de Nabucodonosor, Menasseh diz que cada metal representa um povo, e mais especificamente um líder desse povo. A cabeça de ouro seria o império dos assírios sob o regime de Nabucodonosor.

¹⁸⁷ PERELIS, 2014.

¹⁸⁸ PERELIS, 2008, p. 197.

¹⁸⁹ ISRAEL, 1655, p. 2.

¹⁹⁰ ISRAEL, 1655, p. 2.

¹⁹¹ ISRAEL, 1655.

Millones de plata com que se ve, abundavan grandemente deste Metal precioso. Representavan pues los pechos y braços, esta Monarchia: por que enel principio, fueron dos reynos, y braços potentissimos, Persas y Medos, cuyos reyes fueron Dario y Cyro; y despues se copularon y unieron en uno: por que conquistados los Babilonios, y muerto Dario, quedó Cyro su yerno, solo con el imperio Persiano. Y otro tercero reyno de metal que dominará en toda la tierra Este es, el imperio de Alexandro, y Griegos, dignamente comparado al metal, o bronze, no enel valor y estima, mas en la fama: por que este metal, es el que suena mas que todos, y haze mayor roydo: y assi se hazen del, las campanas.¹⁹²

Os romanos serão mais detalhados a partir da segunda profecia de Daniel, aqui são representados nas pernas de ferro – império ocidental e oriental –, “Romana y Mahometana”¹⁹³, pois como o ferro, quebraram e sujeitaram todos os outros metais à sua vontade, sendo o império mais terrível de todos¹⁹⁴.

O Quinto Império que derrotará todos os outros impérios, é a “Monarchia del pueblo de Ysrael”¹⁹⁵, com a pedra representando o Messias. Como todos os impérios que se sucederam derrotaram uns aos outros de maneira temporal, física, com poderio bélico e violência, o mesmo há de ocorrer com o quinto, onde um Messias “destruyra com dominio temporal, y terreno, todas las de mas Monarchia.”¹⁹⁶, “y el pueblo de Ysrael, concluyendo com esta ultima, (que em si tiene incorporado de las mas) seran señores del mundo, con temporal, terrestre, y eterno dominio, segun esta infalible interpretacion de Daniel.”¹⁹⁷

A respeito da segunda profecia de Daniel, sobre as bestas que saem do mar, Menasseh diz que o mar quer dizer o mundo, os quatro ventos são os espíritos dos impérios batalhando, e as bestas, os líderes de cada império.

Conforme Daniel, 7, 4: “A primeira era semelhante a um leão com asas de águia. Enquanto eu o contemplava, suas asas lhe foram arrancadas e ele foi erguido da terra e posto de pé sobre suas patas como um ser humano, e um coração humano lhe foi dado.”¹⁹⁸

¹⁹² ISRAEL, 1655, p. 16.

¹⁹³ ISRAEL, 1655, p. V.

¹⁹⁴ ISRAEL, 1655.

¹⁹⁵ ISRAEL, 1655, p. 25.

¹⁹⁶ ISRAEL, 1655, p. 27.

¹⁹⁷ ISRAEL, 1655, p. 27.

¹⁹⁸ BÍBLIA DE JERUSALÉM, 2019, p. 1567.

O animal escolhido foi o leão, pois esse é conhecido como o rei dos animais, representando Nabucodonosor como a cabeça de ouro da estátua, o mais poderoso de todos os que viriam, e também extremamente ágil no quesito de suas conquistas, que o elevaram de tal forma, que se considerou igual a Deus, e nesse momento foi quando suas asas foram podadas¹⁹⁹, e ele perdeu seu reino, tornando-se semelhante a um animal que pasta, irracional. Quando “um coração humano lhe foi dado” refere a volta da consciência de Nabucodonosor, “reconhecendo a pequenez humana frente à divindade de Deus”²⁰⁰.

Dn 7, 5: “Apareceu a segunda fera, completamente diferente, semelhante a um urso, erguido de um lado e com três costelas na boca, entre os dentes. E a este diziam: ‘Levanta-te, devora muita carne!’”²⁰¹.

“Símbolo de la segunda Monarchia de los Persas, fue el osso, com otras 3. circunstancias. I. Que a um lado se levantava. II. Que tenia tres costillas en su boca, entre los dientes. III. Que le dezian, *levantate come carne mucha*.”²⁰². I: “Erguido de um lado” diz respeito à guerra travada com a Babilônia, sendo o brasão – símbolo – dos persas um urso. II: “Três costelas na boca” seria Ciro unindo em si três impérios, o babilônico, medo e persa. III: “Comer muita carne” seria uma referência à violência de Ciro, “por aver sido hombre sanguinolento e cruel.”²⁰³.

Dn 7, 6: “Depois disso, continuando eu a olhar, vi ainda outra fera, semelhante a um leopardo, que trazia sobre os flancos quatro asas de ave; tinha também quatro cabeças e foi-lhe dado o poder”²⁰⁴.

Na tradução de Menasseh, ele identifica os gregos e Alexandre o Grande como um tigre por serem soberbos; enfrentando qualquer risco com bom ânimo. Também são pintados e camuflados como um tigre, pois o “ingenio de los Griegos es dissimular, y engañar, como en Ulisses mostrò Homero, y Virgilio en Sinon.”²⁰⁵

As quatro asas significam a velocidade com que Alexandre dominou outros impérios, e as quatro cabeças são os capitães com quem Alexandre dividiu seu reinado:

¹⁹⁹ ISRAEL, 1655.

²⁰⁰ ISRAEL, 1655, p. 195.

²⁰¹ BÍBLIA DE JERUSALÉM, 2019, p. 1567.

²⁰² ISRAEL, 1655, p. 197.

²⁰³ ISRAEL, 1655, p. 203.

²⁰⁴ BÍBLIA DE JERUSALÉM, 2019, p. 1567.

²⁰⁵ ISRAEL, 1655, p. 205.

“a Philipo, tocò la Macedonia: a Antigono, la Assia menor; a Seleuco, Syria; a Ptholomeo, Egipto.”²⁰⁶

Daniel 7, 7: “A seguir, ao contemplar essas visões noturnas, vi a quarta fera, terrível, espantosa e extremamente forte: com enormes dentes de ferro, comia, triturava e calcava aos pés o que restava. Muito diferente das feras que a haviam precedido, tinha esta dez chifres.”²⁰⁷

O motivo da quarta fera não ser distinguível se dá pelo mesmo motivo do império romano não possuir apenas uma “cabeça”.

Tambien se puede dezir, que siendo la administraci3n del imperio de los Romanos, vario: la primera vez, por Reyes, la segunda, por Consules; la tercera, por Decenviros; la quarta, otra vez por Consules; la quinta, por Emperadores, siendo monstruosa Republica de Monarchico, Aristocratico, y Democratico gobierno: assi fui varia y monstruosa, la bestia que la simboliza²⁰⁸

Quanto aos dez chifres em sua cabeça, Menasseh aplica o mesmo significado que Vieira futuramente concederia aos dez dedos da estátua: os dez impérios que sucederam ao Império Romano, os reinos da Europa, herdeiros do Império Romano, seja no oriente ou no ocidente, e por isso a diferenciação dos dedos de barro e ferro, pois os reinos são de diversas religiões, e distintos em poder²⁰⁹.

Piedra Gloriosa contém três principais características, a interpretação das profecias de Daniel, que já foi vista, a repetição dessas profecias ao longo de diversos profetas, e o ideal salvífico e universalista de seu Quinto Império, que será explorado no próximo subcapítulo.

Adentremos nas principais aparições das profecias do Quinto Império ao longo dos profetas segundo Menasseh. A primeira se encontra no capítulo 14 do livro de Gênesis, quando Abraão derrota quatro impérios para salvar Ló, demonstrando ser a pedra que derruba a estátua²¹⁰.

Jacó também passa por diversos momentos referentes ao Quinto Império. Segundo Menasseh, ele foi o primeiro a idealizar que o povo judeu não poderia ficar em

²⁰⁶ ISRAEL, 1655, p. 208.

²⁰⁷ BÍBLIA DE JERUSALÉM, 2019, p. 1567.

²⁰⁸ ISRAEL, 1655, p. 210.

²⁰⁹ ISRAEL, 1655.

²¹⁰ ISRAEL, 1655.

um mesmo espaço, pois “todos debaxo de um solo principe, al primer enojo, irritado estinguiria todos”²¹¹, e quanto ao célebre sonho de Jacó, sobre os anjos subindo e descendo as escadas que davam acesso ao céu, esses anjos representariam os impérios²¹².

Madruga finalmente por la mañana, toma la piedra que puso a la cabecera, levanta estancia, derrama azeyte sobre su cabeza, y llama el nombre de aquel lugar, Bet el. Faltava en este sueño para em todo representar la Estatua, la piedra que la derribava y defhazia de todo; pero ni esta circunstancia falta: tenemos la misma piedra: la piedra del Messiah, y para mas representarla, la unge Jahacob com olio, estilo que se tiene com los reyes, y como denota el mismo nombre Messiah, *ungido*.

Não obstante, além da pedra representar o Messias, utilizando-se de R. Elihezer, Menasseh levanta a teoria de que Jacó recolheu pedras, não apenas uma, e sendo pedras, haveriam de ser doze, representando seus filhos que ainda haveriam de nascer, sendo eles a base do Quinto Império, daquele “felice y futuro século”²¹³. Menasseh continua sua interpretação com a linhagem de Jacó, onde José foi vendido quatro vezes até chegar ao Egito, e sonhou diversas vezes com a repetição do número quatro em diversas situações.

Davi é outro profeta de que Menasseh se utiliza para representar o quarto império sendo derrubado pelo Messias – o Quinto Império. Primeiro no caso de Golias, onde "David peleando con el gigante Golias, representò personalmente, el Messia ben David, derribando y postrando por tierra, con una sola piedra, aquella espantosa, y corpulenta Estatua de Nabuchadenasar."²¹⁴ Utilizando-se também de outra interpretação, Menasseh diz que Davi poderia ter pego cinco pedras, onde quatro delas são as monarquias, e a quinta, a pedra que derruba a estátua, o Messias. "Por que las 4. que no hizieron effecto, representavan las 4. Monarchias, y la quinta, la suya que derribara la Estatua. Y es aquella piedra de Jahacob, que ungió con olio como reyna, y de la que habla Daniel, como avemos dicho"²¹⁵.

Outro caso utilizado de Davi referente ao Quinto Império aparece em II Samuel:

²¹¹ ISRAEL, 1655, p. 72.

²¹² ISRAEL, 1655.

²¹³ ISRAEL, 1655, p. 105.

²¹⁴ ISRAEL, 1655, p. 160.

²¹⁵ ISRAEL, 1655, p. 165.

Enel 2. Semuel cap. 21., hazen las divinas letras, mension de 4. gigantes que David por si, y sus capitanes, vencio. Observan, que enstre estos gigantes el ultimo era monstro en los dedos. Dizen pues, los 3. primeros vencidos por David, representaron las 3. Monarchias, y el ultimo de los dedos, la quarta, la qual pinta Daniel, con los dedos diferentes de las mas, parte de hierro, y parte de barro.²¹⁶

Outros profetas que também são desenvolvidos por Menasseh, e ocupariam muito espaço para serem destrinchados, são Jeremias, Moisés, Salomão, Josias, Amós e Zacarias²¹⁷.

Tendo deixado claro a comprovação – segundo Menasseh – sobre a teoria do Quinto Império espalhada pelos profetas ao longo da história, dos detalhes destes mesmos impérios que já passaram segundo as profecias de Daniel, e de como será o Quinto Império, caminhemos para a nossa comparação entre Vieira e Menasseh, respondendo à seguinte questão presente também em *Piedra Gloriosa*, para quem será o Quinto Império?

²¹⁶ ISRAEL, 1655, p. 170.

²¹⁷ ISRAEL, 1655.

2.3 Menasseh ben Israel e Padre Antônio Vieira

Tanto um como o outro interpretam a pedra na estátua de Nabucodonosor, no livro de Daniel, como o Quinto Império. Vieira assim o faz na *História do Futuro* e o rabino, em seu texto *Piedra Gloriosa de la estatua de Nabuchadnesar*. Menasseh ben Israel e Antônio Vieira são os grandes expoentes e oráculos do messianismo escatológico judeu e cristão do século XVII²¹⁸

Antes de começarmos uma dialética entre estes dois importantíssimos pensadores do século XVII, é necessário manter em vista que ambos possuíam objetivos diferentes para seus escritos, como em *Esperanças de Portugal* e *Esperança de Israel*, textos que se aproximam e diferem já no próprio título.

Antônio Saraiva has gone further, raising the hypothesis that the plural “Hopes” in Vieira’s letter meant the Hope of both Portuguese and Jewish peoples, reunited in the Fifth Empire to come. We do not have evidence that Vieira actually had access to Menasseh’s *Esperança de Israel*; or even that this work had circulated in seventeenth century Portugal or Portuguese America. But we do know that Vieira was importing books with “words written in Hebrew”, from the Netherlands in 1650’s according to denunciations made against him to the Inquisition.²¹⁹

A carta de Vieira tinha como objetivo alcançar e conceder renovadas esperanças a rainha, mãe de D. João IV²²⁰, após a morte do mesmo, enquanto Menasseh tinha seu foco voltado para a Inglaterra como futura residência oficial para seu povo, mas ambos se aproximavam na leitura dos profetas em seus projetos.

Como dito na introdução deste trabalho, foi levantada a dúvida se de alguma forma, tanto o milenarismo quanto o pensamento vieirino puderam, de certo modo, influenciar o messianismo judaico em Menasseh, que passou a adotá-lo, ou melhor, redimensioná-lo para seu próprio uso.

Revisitando o relato de Montezinos em *Miqveh Israel – Esperança de Israel* –, com uma perspectiva universalista e milenarista em vista, é possível observarmos alguns detalhes interessantíssimos.

²¹⁸MURARO, 2003, p.144 apud FERNANDES, 2008, p. 18.

²¹⁹LIMA, 2016, p. 384.

²²⁰NADLER, 2018.

Primeiro, com uma leitura mais atenta da descrição sobre o relato, a alteridade é algo que sem dúvida salta aos olhos. “As reflected in the ensuing narrative, Montezinos seeks out the Indian, not to dominate or “enlighten” him, but rather to learn from him”²²¹. Observamos então Montezinos se “despir” de suas características como dominador, para não só se equiparar ao próximo, mas também aprender, como já foi visto na conclusão do relato, pois ele passará a se considerar o portador destas novas características importantíssimas. Acontece então um duplo ato de se despir, pois como europeu, aprende sobre um povo não menor que si, mas diferente e digno do mesmo nível de atenção, e como judeu, não é só questionado sobre o “quão” judeu era, mas também é ensinado sobre novos ritos e formas de se comunicar por uma das próprias tribos de Israel. Caso pareça, em primeiro momento, um movimento deveras absurdo de se imaginar, e por isso um dos motivos de ter sido parcialmente ignorado ao longo do tempo pelos judeus de Amsterdam, é interessante lembrar o esforço feito por Vieira, em um movimento contrário, para demonstrar que os próprios portugueses e espanhóis eram judeus em suas raízes genealógicas, e como poderiam dever aos mesmos muito mais do que imaginavam, logo, a importância das profecias era tamanha na vida desses personagens históricos, que eles estariam constantemente dispostos a repensar e alterar sua própria realidade em nome de seu cumprimento.

One day you will see us, and you will not recognize us. We are all brothers; with compassion did God make us all. Do not be worried for this land. All of us Indians have our orders. Once we finish off these Spaniards we will go and take you all out of your captivity, if God wills it, which He does will it because his word can never falter.²²²

Se nos atentarmos neste excerto belíssimo, o discurso foi proferido por Francisco, um índio convertido ao judaísmo, e quando o mesmo for visto novamente, estando presente nos exércitos do Senhor, seria irreconhecível e um verdadeiro “irmão”, pois “with compassion did God makes us all”. É memorável a semelhança deste diálogo com o milenarismo e o universalismo no próprio conceito destes índios terem sido “evangelizados”, e mesmo não sendo de nascença, teriam o mesmo grau de importância que os “Filhos de Israel”, sem distinções.

Apesar de sua conversão na narrativa poder ser justificada pela derrota dos índios na guerra travada contra a tribo de Rúben, e conseqüentemente quererem se aliar a uma

²²¹ PERELIS, 2008, pg. 206.

²²² PERELIS, 2014, p. 26.

divindade mais poderosa, Menasseh, que passou a levantar “suspeitas” sobre esse universalismo “comedido” em *Esperança de Israel*, se aprofunda no mesmo tema cinco anos depois – 1655 –, em *Piedra Gloriosa*.

O conceito de salvação no pensamento de Menasseh se expande assombrosamente quando colocado em consonância com o pensamento judaico e inclusive milenarista geral. Segundo Menasseh, os gentios justos também serão salvos! Exploreemos melhor.

Em uma primeira análise, ao longo do livro, Menasseh deixa claro que a salvação não seria exclusiva dos judeus, pois, se quem os perseguiram seriam condenados, é de se esperar que quem os abrigavam seriam recompensados, tanto em vida terrestre, como espiritualmente, em salvação²²³, “Todos aquellos que tuvieren en sus tierras Ysraelitas, seran partícipes de sus bienes.”²²⁴.

Para além daqueles que possuem o poder institucional para ajudar os judeus, Menasseh afirma que todo aquele que buscar a Deus com todo o coração, e estudar as escrituras, lhe será revelado o verdadeiro caminho²²⁵.

Indo além em suas ideias “universalistas”, Menasseh afirma que Deus abençoou todas as famílias da terra por fazerem parte de uma mesma linhagem, pois “vinieron los gentiles al mismo conocimiento, tener noticia de la sagrada Escritura, y seran por ellos salvos, aquellos que hizieren bien, y trataren con benevolência”²²⁶, demonstrando com “todas palavras”: todos podem ser salvos, pois a partir do conhecimento da sagrada escritura, podem fazer o bem.

Apesar de já ter demonstrado ideias muito relevantes, no que diz respeito à salvação, Menasseh atinge seu ápice no trecho seguinte.

Vivir con equidad y justicia, no hazer agravio a alguno, no usurpar lo ageno, no quitar la honra, usar de charidad con el proximo, vivir sobriamente con templança. Sera possible que el que esto hiziere, pierda su merecimiento? no. Desde el Oriente del Sol hasta el Occidente grande es el nombre del Señor entre las gentes, todos

²²³ ISRAEL, 1655.

²²⁴ ISRAEL, 1655, p. 243.

²²⁵ ISRAEL, 1655.

²²⁶ ISRAEL, 1655, p. 61.

adoran una primeira causa, aun que por diferente modo. El que pues vivere segun la ley de naturaleza, pio es, y gozará su premio.²²⁷²²⁸

Esse último excerto dispensa qualquer argumento adicional sobre o “universalismo” presente na obra de Menasseh, em uma maneira que não encontramos no próprio Vieira, que considerava o reconhecimento de Cristo como Messias algo necessário e obrigatório para a salvação dos judeus. Menasseh por sua vez toma um caminho muito mais abrangente, mostrando que todos adoram a Deus à sua própria maneira, de acordo com sua realidade, seguindo sua “natureza” e o seu contexto, desde que não firam um princípio básico do “bom”, como vimos acima. “Menasseh claimed that this resurrection would be general, applying to Jews and gentiles alike. And in the end, all who deserve it, regardless of the religion to which they belong, Will receive their rightful place in the world-to-come”²²⁹.

Quanto a Vieira, este admitiu ter sido influenciado pelo Menasseh em seu encontro, como será visto adiante, e como já vimos, pode também ter influenciado de alguma maneira Menasseh.

Como ele próprio diz, não se sabe se o retorno seria em Roma ou Jerusalém, o que demonstra o diálogo entre os messianismos, pois se o foco fosse apenas a espera católica romana, Vieira não teria dúvidas de que esse retorno das tribos aconteceria em Roma, onde está o papa.²³⁰

Outro detalhe relevante encontrado em Vieira, que também nos leva a enxergar uma influência judaica em sua obra, é a interpretação da temporalidade do Quinto Império, algo não apenas espiritual, mas físico, e indo além. Vieira levanta uma hipótese fascinante em a *História do Futuro* sobre o significado da pedra que destrói a estátua de Nabucodonosor: “é a nação judaica, levantada naquele tempo como monte entre todas as outras nações do mundo, da qual o Verbo Se dignou tomar e unir a Si a humanidade, como explica Santo Agostinho”²³¹. Como vimos no capítulo de Vieira, essa opinião não é apenas controversa entre os padres de um modo geral, o que ele mesmo admite, como levanta a questão de que se o império é temporal, ele deve destruir os outros de maneira bélica, pois Portugal não ergueria o Quinto Império de maneira pacífica, e sim, da

²²⁷ ISRAEL, 1655, p. 242-243.

²²⁸ O trecho que diz respeito a “ley da natureza” abre um novo caminho de interpretação que “ultrapassa” o cristianismo pelo ponto de vista das cartas paulíneas, visto que nesse pensamento cristão, a natureza do homem corrompida não consegue adorar a Deus por si.

²²⁹ NADLER, 2018, p. 78.

²³⁰ ANDRADE, 2015, p. 22.

²³¹ VIEIRA, 2015, p. 458.

mesma forma que todos os outros impérios se ergueram, mas com apoio de milagres e da providência divina.

Outra comparação que podemos realizar entre ambos são suas interpretações sobre os motivos dos metais terem sido escolhidos na estátua de Nabucodonosor. Para Vieira, na *História do Futuro* a questão se resolve facilmente, eles são colocados nessa ordem, não para denotar qualidade, mas apenas para indicar uma ordem temporal, quem foi o primeiro, e quem será o último²³².

Para Menasseh, em *Piedra Gloriosa*, esses metais carregam consigo um significado vinculado à “qualidade” de cada império.

Verdad es que tienen imperio, representado en el oro; riquezas, representada en la plata; fama, representada en el bronze; Poder representado en el hierro; pero al fin mirando a los pies, como el pavon, es fuerza que reconozcan su flaqueza, representada en el barro, y que son poluo y cenisa: pues al fin de la jornada, nada: una pedrilla sin mano arrojada, una febrilla sin palo y sin piedra, passa por todo esse Oro, Plata, Bronze, y Hierro, y va a topar cen esos pies de barro, com esse cuerpo digo humano, alicerse flaco, de naturaleza y fundamento; baxo, de poluo e cenisa.²³³

Mas se discordam sobre o significado dos metais, concordam em quais impérios foram representados nos sonhos do livro de Daniel, e o motivo de tais terem sido selecionados: o sofrimento que proporcionaram, e o contato que tiveram com o povo judeu. Vieira também fará uma relação – concordando em alguns casos citados, e possuindo o mesmo objetivo que Menasseh –, afirmando que a pedra, o messias, aparece em diversas narrativas bíblicas, como a pedra que Davi utilizou para derrotar Golias, e que Jacó deitou sobre²³⁴.

Outra questão que ambos diferem é a do significado das grandes descobertas em suas obras, e conseqüentemente das tribos perdidas. “By the mid-seventeenth century, the enigma of these “Lost Tribes” had long inspired a host of historical conjecture and theological speculation. What became of them? Where were they now? What would it mean if they should reappear?”²³⁵ A importância para Menasseh do novo mundo está diretamente vinculada aos judeus terem que se mudar para um lugar novo, cumprindo a profecia de se espalharem pela terra, e de que esse deveria ser um dos lugares onde as

²³² VIEIRA, 2015.

²³³ ISRAEL, 1655, p. 258.

²³⁴ VIEIRA, 2015.

²³⁵ NADLER, 2018, p. 132.

tribos estariam escondidas. Em Vieira, a importância muda, as dez tribos vão aparecer apenas depois da volta do Messias com o surgimento do Quinto Império, mas o novo continente simboliza mais um ambiente para se levar o evangelho de acordo com os mandamentos de Cristo, visto que em sua opinião, os judeus já estavam espalhados por todo o globo.

Referente a onde entram em acordo – tirando o que já vimos –, podemos selecionar duas partes através de Bandarra, que menciona no século XVI a volta da tribo de Rúben: “Da nova gente que vem / Dessa tribo de Rubem”²³⁶, e o rio Eufrates “sabático” por onde as tribos se alocaram.

Seguindo Bandarra esta mesma frase de Ezequiel, diz que sonhava com grande prazer que os mortos ressuscitavam, e assim o declara e explica logo, dizendo que sonhava que eram saídos de sua prisão os que estão escondidos trás os rios, porque as dez tribos quando desapareceram passaram da outra banda do rio Eufrates, e de então para cá nunca mais se soube delas.²³⁷

Sabendo da popularidade de Bandarra entre cristãos-novos, somos tentados em levantar uma questão; se Menasseh leu Bandarra, e por isso deu tanto crédito à narrativa de Montezinos sobre a tribo de Rúben, o que demonstraria um contato e talvez influência do maior responsável pelo movimento sebastianista e lusomilenarista em Menasseh.

Quanto ao “universalismo”, não é novidade estar presente na obra profética de Vieira, estando intrinsecamente ligado ao próprio cristianismo, somado ao milenarismo; quanto a Menasseh, é inusitado encontrar este mesmo conceito, como vimos anteriormente, mesmo sendo permitido através de interpretações do Talmude²³⁸ e da Cabala, não acreditamos ser o suficiente para justificar essa abrangência de povos que não reconhecem de forma alguma o Messias, sendo “apenas” importante para a sua salvação, “the righteous of all nations”²³⁹.

É-nos complicado afirmar sem a menor sombra de dúvida, esta influência vieirina nos escritos de Menasseh, mas em contrapartida, foram sistematizadas evidências suficientes para podermos utilizar a “palavra preferida” dos historiadores, a

²³⁶ VIEIRA, 1925, p. 514.

²³⁷ VIEIRA, 1925, p. 514.

²³⁸ FERNANDES, 2008, p. 17.

²³⁹ NADLER, 2018, p. 138.

verossimilhança de uma influência milenarista, e possibilidade de uma influência vieirina, como diz António José Saraiva na seguinte citação.

Perguntou-me se a reminiscência de Vieira não terá pesado de algum modo nesse livro judaico-cristão que é o *Bonum Nuntium Israeli*, no qual, sem renunciar a nada de sua religião judaica, Menasseh parece esperar um Messias *que também é o de alguns cristãos*. No seu último livro, *Piedra Gloriosa*, sobre um assunto que ele teria, provavelmente, discutido com Vieira, Menasseh sustenta que muitos cristãos serão salvos com os judeus no Quinto Império do mundo, pois eles tinham pelo seu lado a meditação da Escritura, embora interpretada à sua maneira; e porque muitos deles viviam com justiça, equidade e temperança, e não perseguiram os judeus.²⁴⁰

Apesar de no caso citado por Saraiva, o livro não ser um dos analisados neste trabalho, o conceito de Messias, este ponto importante que paira como uma sombra ao longo deste capítulo, o é, e para além deste conceito, ambos também concordavam em outros aspectos “messiânicos”, como o fato da aproximação iminente da vinda do Messias, a reunião e união de todos os judeus e suas tribos em Israel, e a derrota de todas as monarquias vigentes frente à Quinta, ou seja, uma monarquia terrestre²⁴¹.

It seems to have been a real meeting of minds—in the synagogue and over drinks in a tavern—with a bit of agreeing to disagree. Menasseh and Father Antonio Vieira, a confessor to the king of Portugal who had a genuine sympathy for the Jewish people, found that their religious traditions were in accord on some essential points regarding the return of the exiles—it would be “triumphal”—and the redemptive role of the Messiah. Vieira was aware that there were also irreconcilable differences, among them the “errors” of the Jews that the Messiah is not the son of God and that he has not yet in fact come. “The Messiah in which the Jews believe is very different from the Messiah in whom we Christians believe.”²⁴²

Menasseh believes, with some naïveté (or perhaps disingenuousness), that Jews and Christians are in fact anticipating the same ultimate event. The difference, he insists, consists only in the timing. Menasseh insists that when it comes to matters of fundamental beliefs, there is “no difference between Christians and Jews”.²⁴³

Em 1666, preso pela inquisição, Vieira é questionado sobre onde ele adquiriu a informação de que os judeus agora reconheciam Cristo como o Messias, e surpreendentemente Vieira responde que ninguém menos que o próprio Menasseh disse a ele, após ele provar ao judeu a redenção de Cristo²⁴⁴. Através de uma transcrição feita

²⁴⁰ SARAIVA, 1992, p. 102.

²⁴¹ WALL, 1989.

²⁴² NADLER, 2018, p. 139.

²⁴³ NADLER, 2018, p. 67.

²⁴⁴ FALBEL, 2008.

por Antônio Baião, possuímos o relato de um clérigo da Companhia de Jesus que ouviu o próprio Vieira afirmar ter convencido Menasseh sobre a questão do Messias ser Cristo, mas em contrapartida, Vieira também fora convencido pelo judeu de que este Messias deveria vir outra vez, seja no mesmo corpo, ou em outro, mas também como Rei temporal,²⁴⁵ “ambos contendores acabaram por aceitar parte de suas mútuas e supostas verdades religiosas.”²⁴⁶

Vieira told the Inquisition when he returned to Portugal, he was convinced – by Menasseh – that the Christian view according to which the Messiah has already come does not rule out the Jewish view that their Messiah has yet to come. There may just be two Messiahs!²⁴⁷

Havendo dois Messias, um terrestre, neste caso D. João IV – como já foi explorado no primeiro capítulo – e Cristo, os judeus teriam suas profecias cumpridas, e aceitariam a divindade de Cristo!²⁴⁸

Caminhando para o fim do texto, deixemos a opinião de Antônio José Saraiva para finalizar esse capítulo: “Cremos que, pelo menos, Vieira contribuiu com alguma lenha para a chama messiânica que teve a sua principal lareira em Amsterdã e culminou em Esmirna.”²⁴⁹

Quanto à primeira questão levantada, sobre a existência de alguma alteração de inspiração milenarista ou sebastianista no Talmude, não foi possível descobrir ainda a resposta, mas um caminho foi traçado pela vida de Menasseh ben Israel, que possuía o contato e o “cargo” para realizar alguma mudança no mesmo, fora a influência do milenarismo em sua própria obra profética.

²⁴⁵ FALBEL, 2008.

²⁴⁶ FALBEL, 2008, p. 36.

²⁴⁷ NADLER, 2018, p. 139.

²⁴⁸ REAL, 2008.

²⁴⁹ SARAIVA, 1992, p. 107.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo abordado as questões levantadas ao longo do trabalho – a participação da obra profética de Vieira e Menasseh na constituição de um imaginário apocalíptico em meados do século XVII, a presença das grandes descobertas nas obras escolhidas de Vieira e Menasseh, e a relação, diálogo e autoridade que ambos podem ter exercido um sobre o outro –, rumamos ao final do trabalho saindo em um primeiro momento da história intelectual, para compreendermos um pouco da reação e recepção dos judeus nas Américas, frente a tantos projetos de futuro e esperanças depositadas em suas vidas – dando continuidade à reconstituição desse imaginário apocalíptico –, e em um segundo momento, estabeleceremos com o nosso presente linhas de continuidade do século XVII referentes ao tema.

O aparecimento cíclico de diversos Messias ou o renascer fervoroso desta crença tem que ver necessariamente com a história dos judeus, marcada ela também por um percurso cíclico de calamidades, provocadas pelo afastamento deste povo em relação a Deus e conseqüente castigo, seguido do perdão divino e uma nova ligação ao Senhor. É uma história de percurso cíclico aquela que caracterizou a vivência dos judeus, ao longo dos séculos.²⁵⁰

Vemos pues, todas las maldiciones del Levítico y Deuteronomio, al pie de la letra cumplidas, tanto las de nuestro esparcimiento en los fines de la Tierra que es, *Portugal*; como la de nuestras calamidades, padecidas por la Inquisición, y en tantos destierros, como tengo mostrado en mi libro de *Termino vita*, siguesse que brevemente se empegaron también a cumplir todas las que pronostican nuestros bienes²⁵¹

Observando o conceito cíclico de sofrimento e bênçãos na filosofia e teologia judaica; o momento em que Menasseh viveu no século XVII e sua continuidade até o século XVIII foi considerado como o início de uma virada, do sofrimento para as bênçãos, e isso pode ser observado nas próprias comunidades sefarditas presentes nas Américas. Se passamos a maior parte do trabalho olhando para essa comunidade através de uma perspectiva cristã e europeia, nos é interessante inverter este papel, é observá-los a partir de si mesmos.

They believed-more fervently; perhaps, than historians realize-that "deliverance" was near. Messianic expectations, mystical devotions, and magical beliefs: contrary to what previous scholars have

²⁵⁰ TAVARES, 1991, p. 141.

²⁵¹ ISRAEL, 1881, p. 101.

imagined, these all formed part of the cultural and religious worlds of early American Jews. As the "hope of Israel," they were instruments of messianic redemption. As "port Jews" they were harbingers of modernity. Their identity, like that of their non-Jewish counterparts, was shaped by multiple and conflicting impulses²⁵²

A prova de que os judeus sefarditas que moravam nas Américas sabiam de sua importância no desenvolver das profecias, está no levantamento magnífico feito por Jonathan D. Sarna sobre os nomes com que eles batizavam suas sinagogas.

No fewer than four synagogues-in Curarçao, Savannah, Philadelphia, and Jamaica-took as their name the Hebrew title of Menasseh ben Israel's book *Mikveh Israel*, there by echoing Jeremiah's promise: "O Hope of [*Mikveh*] Israel, Its deliverer in time of trouble." New York's Shearith Israel based its name on the prophecy of Micah: "I will bring together the remnant of [*Shearith*] Israel."⁹ The synagogue in Barbados called itself Nie Israel based on the redemptive prophecy of Isaiah: He will hold up a signal to the nations And assemble the banished of [*Nidhe*] Israel And gather the dispersed of Judah From the four corners of the earth.' Isaiah n: 12. The synagogue in Newport, originally to be called Nefutzei Israel (and, beginning in the nineteenth century, the Touro Synagogue), took as its official name Jeshuat Israel, based on the Psalmist's prophecy: "that the deliverance of [*Yeshuat*] Israel might come from Zion! When the LORD restores the fortunes of His people, Jacob will exult, Israel Will rejoice." All alike demonstrated through their unusual names the mystical significance of New World Jewish communities. They reaffirmed the very point that Menasseh ben Israel had made in his book, that the dispersion of Israel's remnant to the four corners of the world heralded the ingathering of the exiles.²⁵³

Suas expectativas estavam de tal maneira ligadas a suas esperanças, e em como era chegado, ou estava muito perto, o período de bênçãos, que os judeus de Suriname já afirmavam que sua comunidade era o início do paraíso, enquanto judeus de famílias sefarditas em Newport, abriam suas janelas e portas sempre que um temporal os alcançava, pois acreditavam se tratar da vinda do Messias²⁵⁴.

Trazendo este mesmo conceito cíclico de sofrimento e bênçãos ao presente, seguindo as recomendações de Marc Bloch, relacionando o tema da pesquisa com a nossa contemporaneidade, gostaríamos de ressaltar um dos músicos mais escutados em nossa sociedade ocidental, o artista Kendrick Lamar, que em suas músicas, sempre trouxe para si o grito de socorro dos afrodescendentes e o expôs ao mundo. Em seu penúltimo álbum lançado em 2017, *DAMN*, compôs uma música que leva o nome de

²⁵² SARNA, 1986, p. 190-191.

²⁵³ SARNA, 1986, p. 188.

²⁵⁴ SARNA, 1986.

FEAR, onde conta sua experiência como afrodescendente nos Estados Unidos, e em como viveu diferentes fases de sua vida envolto pelo medo.

No começo da música escutamos um áudio do primo do Kendrick, Carl, uma figura que aparentemente possui certa autoridade espiritual para o artista, informando-o que Kendrick estava se sentindo mal, pois estava predestinado a isso por fazer parte de um “povo amaldiçoado”, segundo Deuteronômio capítulo 28, versículo 28 “Iahweh te ferirá com loucura, cegueira e demência”²⁵⁵, e até o povo voltar aos mandamentos do Senhor, continuariam dessa forma. “y David Salmo 91. con el, yo em angustia: por que Dios castiga a su pueblo com amor de padre, y al mismo passo, como padre, frente el castigo, que Le dà, y este sentido les acompaña en el sentimiento, y dolor.”²⁵⁶.

Quando relacionamos esse trecho da música com o excerto separado de Tavares e Menasseh – com que abrimos essas considerações finais –, percebemos algumas similaridades entre eles, pois parecem falar sobre o mesmo assunto, este ciclo na relação do povo judeu com Deus, onde vivem as bênçãos, se apartam, são castigados, e voltam para a presença de Deus, como vimos ao longo do trabalho, seja no caso dos judeus sendo expulsos da península ibérica, dos indígenas no relato de Montezinos, ou até mesmo dos portugueses sob domínio Espanhol, e a própria narrativa bíblica, mas, ainda falta um detalhe importante, como a comunidade afrodescendente pode ser considerada o povo escolhido? Visto que no caso dos portugueses pode ser explicado pela sua história e crença em uma história providencial. Voltemos ao fim da música, onde Carl complementa seu áudio do início.

“The so-called Blacks, Hispanics, and Native American Indians/ Are the true children of Israel/ We are the Israelites, according to the Bible/ The children of Israel.”.

É impressionante encontrarmos reminiscências históricas nesta música, de um movimento que teve seu início em torno do século XV, justificando a existência dos povos “descobertos”, especialmente estes três citados que também apareceram no relatório, como remanescentes das tribos perdidas de Israel, logo, israelitas de “sangue”, e tal qual os índios da narrativa de Montezinos, e os judeus nas Américas, depositam suas próprias experiências, justificativas, e expectativas colocadas sobre si nas

²⁵⁵ BÍBLIA DE JERUSALÉM, 2019, p. 292.

²⁵⁶ ISRAEL, 1655, p. 97.

profecias, concedendo sentido a elas, ajudando a projetar um futuro, “horizonte de expectativas”, a partir de seu contexto histórico, “espaço de experiências”.

Dirigindo-nos ao final, citemos os “números” dessa música que possui uma influência mundial inimaginável, somando em apenas um aplicativo de streaming, 111.940.402 milhões de “plays”, possuindo uma mensagem tão intrínseca a este trabalho como “pano de fundo”.

Tendo atendido às questões levantadas neste trabalho, encerramos com a mesma palavra que “cousin Carl” utiliza para finalizar a música, “Shalom”.

FONTES

BÍBLIA de Jerusalém. São Paulo: Edições Paulinas, 2019.

ISRAEL, Menasseh ben. *Esperanza de Israel*. Organização de Santiago Perez Junquera. Madrid: Librería de Santiago Perez Junquera, 1881.

ISRAEL, Menasseh ben. *Piedra Gloriosa*. Amsterdam, 1655

VIEIRA, Antônio. *História do Futuro*. Direção de José Eduardo Franco e Pedro Calafate. Lisboa: Temas e Debates, 2015.

VIEIRA, Antônio. *Cartas Diplomáticas*, Tomo I, Volume I. Direção de José Eduardo Franco e Pedro Calafate. Lisboa: Círculo de Leitores, 2013.

VIEIRA, Antônio. *Cartas do Padre António Vieira*. Organização de João Lúcio d’Azevedo. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1925.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, Lucas da Silveira. Padre Antônio Vieira e as Influências do messianismo judaico no sebastianismo português do séc. XVII. *Revista Vértices*. n.19, 2015, São Paulo.

FALBEL, Nachman. *Judeus no Brasil: estudos e notas*. São Paulo: Edusp, 2008.

FERNANDES, Alexandre Claudius Fernandes. *Da Inquisição à Ficção: as narrativas do inquérito e os processos da escrita em António Vieira e Lobo Antunes*. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Estudos Literários da Faculdade de Ciências e Letras-UNESP. Araraquara, 2008.

FRANCO, José Eduardo. O Quinto Império de Vieira como sonho de regeneração de Portugal e do mundo. *Reflexão*, v.33, n. 93, pp. 31-47, 2008. (Dossiê Padre António Vieira. Organização de Amon Pinho e Constança Marcondes César.)

FUENTES, Carlos. *O espelho enterrado: Reflexões sobre a Espanha e o Novo Mundo*. Tradução de Mauro Gama. Rio de Janeiro: Rocco, 2001.

HERMANN, Jacqueline. Sementes do Messias: percursos do messianismo régio ibérico (sécs. XIV-XVI). *Mirabilia*, v. 21, pp. 223-241, 2015.

KAPLAN, Yosef. Spanish Readings of Amsterdam's Seventeenth Century Sephardim, in Scott Mandelbrote and Joanna Weinberg, eds., *Jewish Books and their Readers: Aspects of the Intellectual Life of Christians and Jews in Early Modern Europe*. Leiden: Brill, pp. 312-341, 2016.

KOSELLECK, Reinhart. *Futuro Passado*. Contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto/Puc-Rio, 2006.

LIMA, Luis Filipe Silvério. Aproximações para uma história do conceito de Esperança nas expectativas milenaristas do século XVII: Esperança de Israel, Esperanças de Portugal e Door of Hope. *O que nos faz pensar*, v.26, n.41, pp.75-106, 2017.

LIMA, Luis Filipe Silvério. O percurso das Trovas de Bandarra: circulação letrada de um profeta iletrado, in Leila Mezan Algranti e Ana Paula Torres Megiani, orgs., *O Império por Escrito: Formas de transmissão da cultura letrada no mundo ibérico*. São Paulo: Alameda, pp. 441-452, 2009.

LIMA, Luís Filipe Silvério. Prophetic hopes, New World experiences and imperial expectations: Menasseh Ben Israel, Antônio Vieira, Fifth-Monarchy Men, and the millenarian connections in the seventeenth-century Atlantic. *Anais da História de Além-Mar XVII*. Lisboa: CHAM, pp. 359-408, 2016.

MARTINI, de Marcus, ROSSATO, Noeli Dutra. Milenarismo em Joaquim de Fiore e Antônio Vieira. *Mirabilia*, v.14, pp. 264-285, 2012.

MUHANA, Adma. Comentário ao Exame das tradições fariséias de Uriel da Costa. *Hamsa: Journal of Judaic and Islamic Studies*, v.4, pp. 73-87, 2017 – março 2018.

MARTÍNEZ, Florentino García. La autoridad de 4 Esdras y el origen judío de los indios americanos. *Fortvnatae*, v.22, pp. 41-54, 2011.

NADLER, Steven. *Menasseh ben Israel Rabbi of Amsterdam*. New Haven and London: Jewish Lives, 2018.

NETO, Lira. *Arrancados da terra*. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

NOVINSKY, Anita; LEVY, Daniela; RIBEIRO, Eneida; GORENSTEIN, Lina. *Os judeus que construíram o Brasil: Fontes inéditas para uma nova visão da história*. São Paulo: Planeta do Brasil, 2015.

PERELIS, Ronnie. "These Indians are Jews!" Lost Tribes, Crypto-Jews, and Jewish Self-Fashioning in Antonio de Montezinos's Relación of 1644, in Richard L. Kagan and Philip D. Morgan, Eds., *Atlantic Diasporas: Jews, Conversos, and Crypto-Jews in the Age of Mercantilism, 1500-1800*. Baltimore: JHU Press, pp. 195-211, 2008.

PERELIS, Ronnie. Dialectics of Travel: Reading the Journey in Antonio de Montezinos's Relación (1644). *Studies in American Jewish Literature*, v.33, n.1, 2014.

REAL, Miguel. Padre Antônio Vieira: A Arquitectónica do Quinto Império na carta Esperanças de Portugal (1659). *Reflexão*, v.33, n. 93, pp. 57-81, 2008. (Dossiê Padre Antônio Vieira. Organização de Amon Pinho e Constança Marcondes César.)

SARAIWA, Antônio José. *História e utopia: estudos sobre Vieira*. Lisboa: Ministério da Educação: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, 1992.

SARNA, Jonathan D. The Mystical World of Colonial American Jews in Lauren B. Strauss and Michael Brenner, eds., *Mediating Modernity: Essays in Honor of Michael A. Meyer*. Detroit: Wayne State University Press, pp. 185-194, 2008.

SOUSA, Bernardo Vasconcelos e. Do Condado Portucalense à Monarquia Portuguesa (séculos XI-XIII). In: RAMOS, Rui (coord.). *História de Portugal*. Lisboa: A Esfera dos Livros, pp. 17-47, 2009.

TAVARES, Maria José Ferro. O Messianismo Judaico em Portugal (1ª metade do século XVI). *Luso-Brazilian Review*, vol.28, n.1, pp. 141-151, 1991.

VAINFAS, Ronaldo. *Antônio Vieira: Jesuíta do Rei*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

WALL, Ernestine G.E. Van Der. Petrus Serrarius and Menasseh ben Israel. Christian Millenarianism and Jewish Messianism in Seventeenth-Century Amsterdam, in Yosef Kaplan, Henry Méchoulan and Richard H. Popkin, eds., *Menasseh ben Israel and his World*. Netherlands: E.J. Brill, pp. 164-190, 1989.